

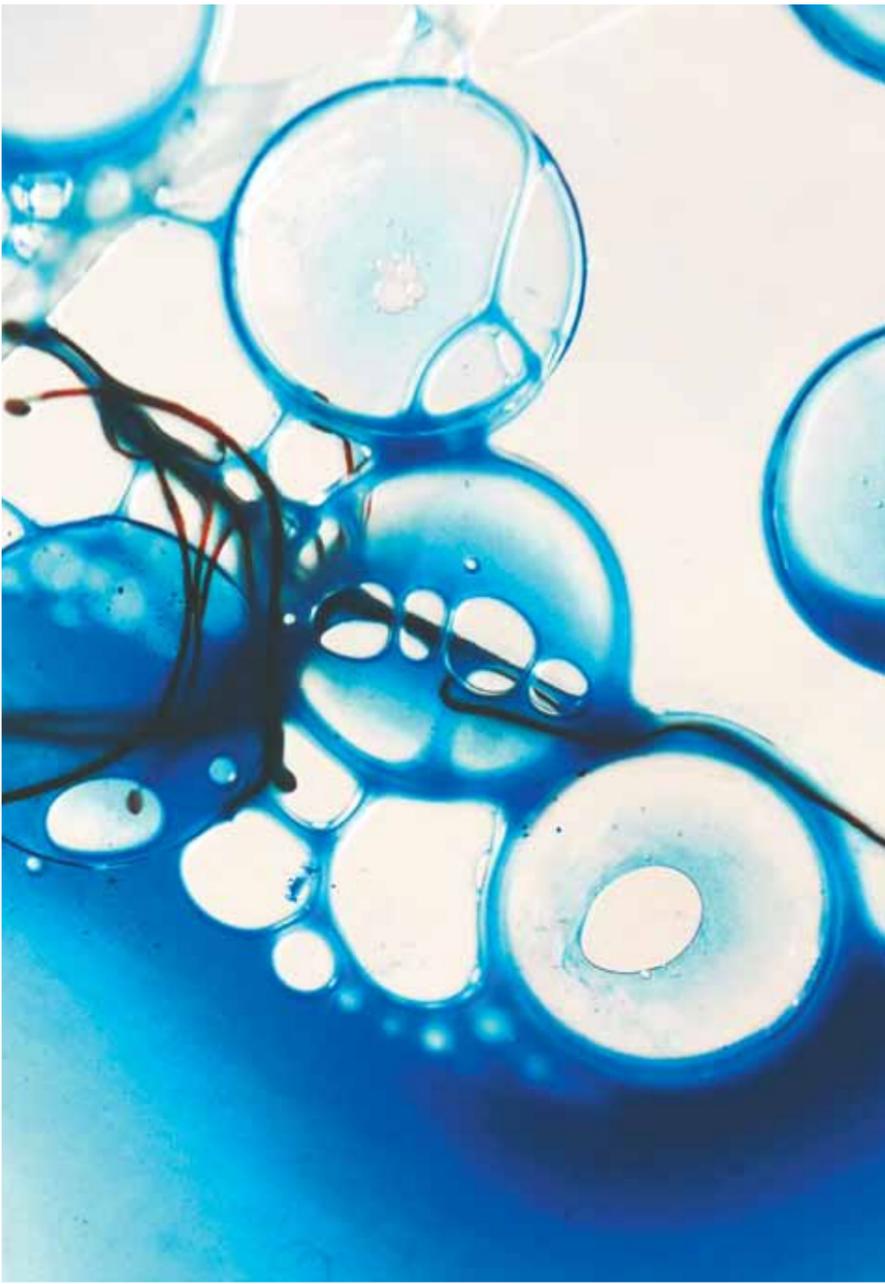
PERNAMBUCO



ELA ESTÁ SÓ BRINCANDO?

A polêmica do politicamente correto invade o terreno da literatura

GALERIA



BRENO CESAR

“Como fotógrafo e videoartista, desenvolvo meus trabalhos com imagens em experimentações plásticas. Estas fotografias fazem parte de uma série de abstrações chamada *Pequenos infinitos*, na qual tento materializar minhas divagações imaginativas. Num processo intuitivo e artesanal, vou construindo esses universos, usando materiais simples, até conseguir dissolver em cores e formas as representações comuns da realidade.”

www.flickr.com/brenocesar

vimeo.com/brenocesar

CARTA DO EDITOR

Vamos começar pelo fim: a contracapa deste mês presta homenagem ao centenário de nascimento de Mauro Mota, um dos sinônimos para a expressão “literatura pernambucana”. Relembramos uma crônica do escritor, publicada no *Diário de Pernambuco*, no final dos anos 1960. Apesar de ser conhecido, sobretudo, por sua poesia, Mauro teve uma militância notória na imprensa, onde se notabilizou por suas crônicas repletas de um humor *sui generis* para olhar da vida recifense. Acompanhando o texto, uma espécie de confissão de leitor, feita por Raimundo Carrero, que nos explica como é se sentir um “personagem de Mauro Mota”.

O centenário de Mauro, para além de uma efeméride, ajudou a consertar uma injustiça: o autor estava, há um bom tempo, longe das livrarias e sem qualquer sinal de retorno. Essa injustiça será revertida com a publicação de seletas de poesia e crônicas, que a **Companhia Editora de Pernambuco (Cepe)** realiza este ano.

Homenagens apresentadas, seguimos agora para a matéria de capa, que traz uma reportagem especial de Fellipe Fernandes sobre a polêmica do politicamente correto que chegou para ficar no terreno literário, atingindo cânones de vida conturbada, como o francês Céline e o brasilei-

íssimo Monteiro Lobato. Fellipe colheu opiniões contraditórias, como as dos críticos Benjamin Moser e Luiz Costa Lima e nos colocou diante de uma polêmica: o que vale mais a obra de um autor ou sua postura como indivíduo?. “Ler Monteiro Lobato como um escritor inocente para criancinhas ignora que ele era uma pessoa fortemente politizada e os livros dele também”, polemiza Moser, famoso no Brasil por sua biografia de Clarice Lispector.

O repórter Talles Colatino traz um olhar bastante pessoal para um dos nomes mais singulares da literatura brasileira, Santiago Nazarian, que discorreu com exclusividade para o **Pernambuco** sobre a aceitação do seu trabalho: “Na verdade eu faço o que eu gosto, o que eu acredito, o que tenho prazer em escrever. Claro que o feedback ou a falta dele, às vezes causa frustrações, mas também não posso me queixar muito; meu trabalho tem seu espaço e seu público. Eu merecia um espaço maior, ser visto com mais seriedade? Talvez. Mas é um preço que eu pago também por estar escrevendo sobre jacarés assassinos”.

Esperamos que gostem da edição. Boa leitura e até o próximo mês.

PERNAMBUCO

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO
Mariza Pontes e Marco Polo

ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO
Gilson Oliveira, Hallina Beltrão, Karina Freitas, Militão Marques e Sebastião Corrêa

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves, Roberto Bandeira e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva

Cepe
EDITORA

PERNAMBUCO é uma publicação da
Companhia Editora de Pernambuco - CEPE
Rua Coelho Leite, 530 - Santo Amaro - Recife
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

GOVERNO DO ESTADO
DE PERNAMBUCO

Governador
Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil
Francisco Tadeu Barbosa de Alencar

COMPANHIA EDITORA
DE PERNAMBUCO - CEPE

Presidente
Leda Alves
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Meneses

CONSELHO EDITORIAL
Everardo Norões (presidente)
Antônio Portela
Lourival Holanda
Nelly Medeiros de Carvalho
Pedro Américo de Farias

BASTIDORES

HALLINA BELTRÃO

Um manual de como encontrar a sua salvação

Depois de “afundar” um romance inteiro, autor conta como reencontrou o rumo criador ao começar a escrita do seu novo livro de contos, *O destino das metáforas*

festas. Mas eu sabia o tempo inteiro não ser Rulfo nem Salinger, a quem a minha regra lá em cima não se aplicasse, talvez.

Estava, contudo, esgotado e havia treinado em mim muita auto-crítica nesses anos todos, sem praticar benevolências para comigo mesmo. Uma autocrítica aqui e acolá talvez injusta, como aquela onde se afoga um romancista da minha geração, e amigo, Douglas Tabosa (mas no caso dele o assunto é mais sério, porque eu publiquei nesse intervalo os contos de *Matriuska* (Iuminuras, 2009), e Douglas vem preferindo mais silêncio ainda). Douglas e sua Honolulu.

Foi num desses intervalos de consciência que a carne d’*O destino das metáforas* virou uma alucinação tomando vida aos poucos, num café em São Paulo. Mas poderia ter sido no Japão ou no México. Um fantasma trouxe do romance seres sem contornos, porque é dessa fauna, dessa falta de limites, das linhas pontilhadas que vivem os fantasmas. Ele deu aos personagens a ossatura de que precisavam para largarem a vida vegetativa dos tipos. Além disso, algo era preciso entender: eu era vítima, ainda, e acho que serei sempre, da minha tara pela precisão, mas onde tudo se aproxima mesmo da poesia e da tragédia (por favor, não confundam com violência, e essa tipologia contemporânea comum na literatice deste tempo. Eu me refiro mesmo aos espectros de Aristóteles, Êsquilo, Shakespeare, Nietzsche). Talvez tenha sido essa figura de Dionísio e do destino, que deu ao editor Samuel Leon o mote para escolher o título do livro.

Na própria construção do livro havia um conflito a vencer, ele excedia o conflito dos personagens e já era a invenção em si, ou a máquina da narrativa, como aquela do protagonista do conto-título do livro procura.

Mas aos contos acrescentei ainda um pouco do dia a dia. E, depois de escritos, vi a realidade se apropriar deles e passar a repeti-los em todos os lugares, jornais, confessionários, na vida de gentes desistindo e insistindo em viver, sob muitas temperaturas.

São cerca de sessenta almas viventes em dezessete contos. São almas, da culatra à boca do cano, que desistiram do meu romance e migraram para *O destino das metáforas*, uma a uma. Assim como Virginia Woolf entrou no mar, as pedras nos bolsos, para salvar o marido de si mesma. Virginia com seu bilhete vulgar de suicida e toda uma obra por concluir.

Talvez você queira ler o livro para descobrir como o romancista nada gentil salvou o contista afogado e salvou a si mesmo. E deu a si e ao outro um oceano particular para vencer. Cada um ao seu modo.

Volte por favor agora para a tela do Googlemaps: Japão – México. Avance com o mouse na seta de rolagem para baixo, e leia o que diz o passo 40.

Sidney Rocha é escritor.

Sidney Rocha

Entre no Googlemaps. Coloque como ponto de partida o Japão e, de chegada, o México. Você verá se formarem segmentos de reta azuis, bem comportadas, e assim se chega daquele ponto ao outro. Será definitiva a visão do oceano a partir da ilha de Honolulu, o sentimento superior não do viajante, mas também um pouco o do naufrago.

A sensação ocorre igual quando se escreve. E, quando se escrevem contos, mais ainda, mas com o zoom mais fechado, muitas vezes mais nitidez, e um desespero amplificado, como uma queda, sempre.

Já com o romance, não. Muito embora o resultado seja sempre o mesmo, a terra devastada, o oceano devastado, a cara na areia. Mas é diferente.

Quando escrevi estes contos d’*O destino das metáforas*, sabia disto e compreendia ser um outro, distinto daquele que escrevia, ao mesmo tempo, o romance *Geronimo*, no qual trabalhava há três anos.

O livro de contos partia do que nunca se esgota em um escritor de verdade: a sua certeza de morrer inconcluso. E, para resolver isso o que um escritor faz sempre mais é não concluir, se eternizar em labirintos.

No meu caso, o eu-romancista terminou por dizer com dureza ao contista em mim que largasse ali os contos. Escrevê-los era fugir mais uma vez do romance, da coragem de enfrentar o mar alto e a tempestade, ele disse. Não que não hajam também tsunamis nos contos, narrador é narrador em *crawl*, costas, peito, borboleta, e afogamento, este é mais o meu caso.

Sob a desculpa de escrever, e escrevendo, eu estava não-escrevendo. Foi um monólogo duro e difícil de atravessar daquela vez, a minha voz e a cidade. “Você está afundando, rapaz, afundando”.

Acontece que eu já afundava há décadas. Desde o último romance haviam se passado dez, quinze anos, e com isso todas as marés e todos os barcos sem rota naufragaram aqui em mim. Sem escrever uma linha, eu estava escrevendo a minha obra; às vezes, desescrevendo sem sequer haver escrito. Longe das

CARTUNS

SIMONE MENDES

[HTTP://SIMONEMENDESILUSTRA.BLOGSPOT.COM/](http://simonemendesilustra.blogspot.com/)



Simone Mendes

O LIVRO



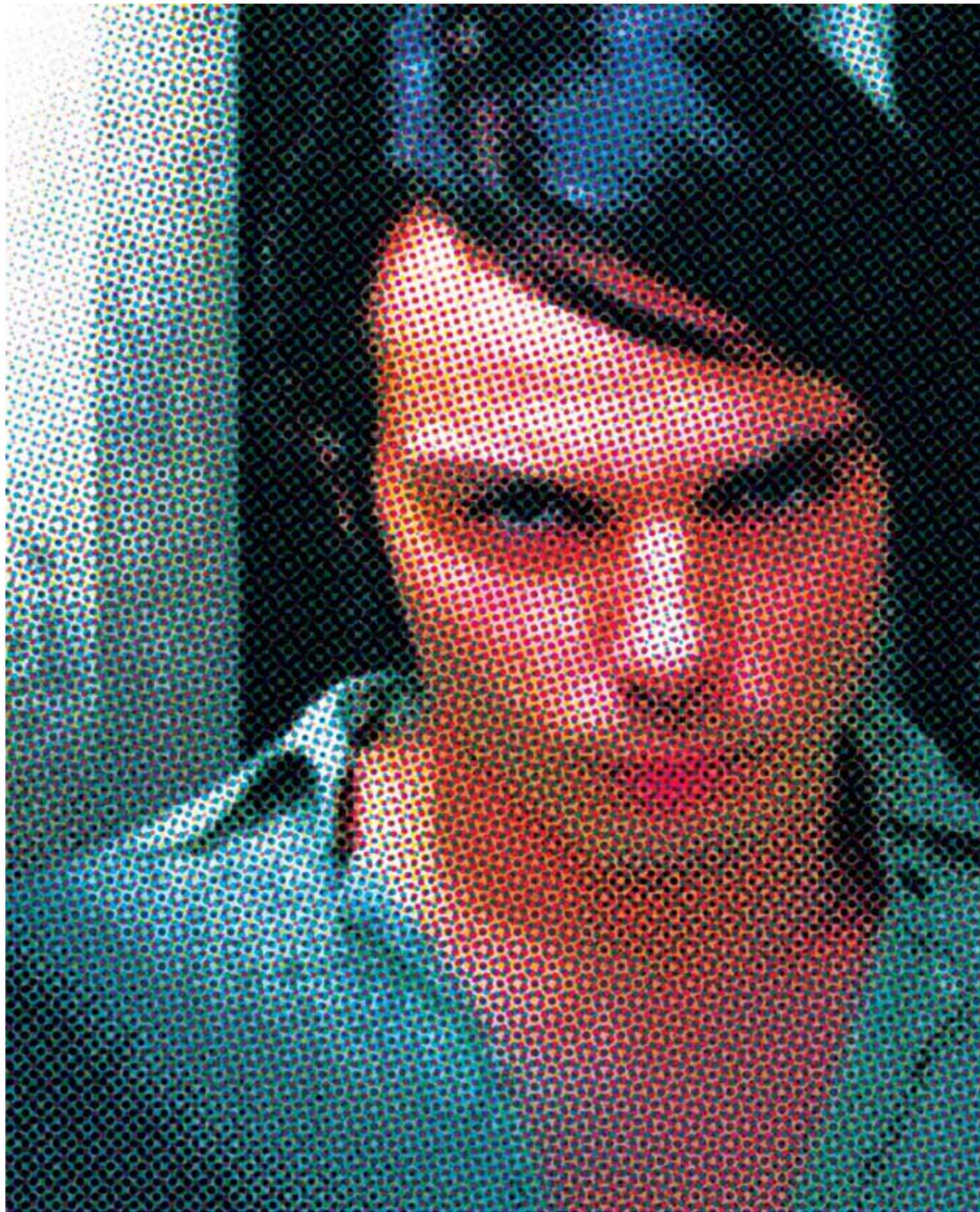
O destino das metáforas
Editora Iuminuras
Páginas 114
Preço Ainda não definido

PERFIL

Ele bem sabe valorizar os leitores lindos

Compreenda o mundo particular por trás da obra de Santiago Nazarian

Talles Colatino



Entre paredes ensanguentadas de um prédio abandonado, povoado apenas por jovens (ou seriam zumbis?) que respiram apenas o ar rarefeito da dura tarefa de existir enquanto adolescentes, o herói, frustrado, está imerso na tentativa de desafiar as necessidades da sua condição de líder de si mesmo. Ouve passos pesados (de um animal, talvez?) através dos encaunamentos do esgoto, onde ofega tentando não fazer barulho. Tenta sumir, enquanto a solidão e o terror se fundem, tornando pálidos os traços de humanidade que poderiam existir numa cena como essa.

É difícil falar sobre o universo literário de Santiago Nazarian sem cair na tentação de atravessar suas alegorias e personagens – jacarés assassinos, adolescentes angustiados, ordinários paranoicos –, todos tão simbólicos quanto o seu próprio dono. O herói da pouco elaborada cena acima não pertence a Santiago, mas todo o seu entorno é bastante familiar à obra do escritor paulista, dono de seis livros publicados e que lida, para o bem e para o mal, com o fato de ser uma espécie de alegoria de si mesmo.

A figura jovem, atualmente com 34 anos, e bonita de Santiago Nazarian carrega consigo histórias de vida inusitadas, o que leva o escritor a atender também por títulos como *ex-barman de pub punk* em Londres, *ex-compositor de jingles*, *ex-redator de horóscopo* e *ex-roteirista de conteúdo erótico para disque-sexo*. Logo quando começou a publicar, no início dos anos 2000, tudo isso convergia para a existência de um “personagem Santiago Nazarian”, um fetiche que se transformou num canal de atenção a mais para sua literatura.

“Eu acho que isso era mais no começo mesmo quando essa ‘nova geração de escritores’ ainda impressionava. Os jornalistas que me entrevistavam eram mais velhos do que eu, essa coisa de jovem tatuado fugia muito ao perfil de escritor

brasileiro. Agora já é muito mais comum, já está mais assimilado. E nunca me incomodou usar isso, é algo real, faz parte de mim e da minha história e se serve para chamar atenção para os meus livros, beleza. Sei que grande parte do meu público jovem ou adolescente veio atraído por isso, pela minha figura, minhas histórias de vida”, avalia o autor.

O projeto literário de Santiago está hoje sozinho e, de alguma forma, deslocado no cenário da produção contemporânea brasileira. O sanguinolento universo brutal que criou para tecer o que ele mesmo chama de “existencialismo bizarro”, construído sobre uma estética alucinada, muito próxima do cinema de terror e do videogame de ação, representa seu diferencial, mas também a limitação do seu crescimento no mercado nacional.

“Na verdade eu faço o que eu gosto, o que eu acredito, o que tenho prazer em escrever. Claro que o *feedback* ou a falta dele, às vezes causa frustrações, mas também não posso me queixar muito; meu trabalho tem seu espaço e seu público. Eu merecia um espaço maior, ser visto com mais seriedade? Talvez. Mas é um preço que eu pago também por estar escrevendo sobre jacarés assassinos”, pondera. “É bom sentir que estou fazendo algo que ninguém está fazendo. Não quero ser mais um. Não quero nem ser um escritorzão, desses com perfil de Cia das Letras, um escritor eficiente, premiado. Se for para conquistar alguma coisa, quero que seja do meu jeito. É como a letra de *My Way*... mas cantada pelo Sid Vicious”.

Nesse caminho menos Sinatra e mais Vicious, o escritor acabou por se encontrar numa espécie de solidão literária. Depois de um ano recluso em Florianópolis, local que define como o seu favorito no mundo, vivendo como um típico garoto de praia (“Pude viver uma outra vida lá, o que

HALLINA BELTRÃO SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO



é muito importante pra mim, mas era uma vida muito solitária, e de vez em quando eu preciso do outro...”), Santiago Nazarian retornou a São Paulo, cidade onde nasceu e onde se concentra a principal efervescência da cena mais recente da literatura nacional. A cidade que melhor funciona no processo de divulgação e agitação literária, através de grupinhos que se formam por lá, é também a que ressalta o isolamento, proposital e ocasional, de Santiago.

“Minha escolha pela literatura é principalmente por ser uma arte individual, independente. Gosto de trabalhar sozinho; então para mim não faz o menor sentido querer me encaixar num grupo. Eu acho que muitas dessas panelinhas acontecem naturalmente, pessoas que se conhecem, se gostam, têm afinidades e se ajudam. Eu não pertencço a esses círculos porque não encontro tantas afinidades com escritores”, defende. Além do pernambucano Marcelino Freire, Santiago não tem grandes amigos no meio. “E é um pouco chato deixar de receber convites por isso – eu gostaria de pensar que minha produção em si já seria um bom cartão de visita”.

Mesmo para além da literatura, Santiago nunca foi de muitos amigos. “Na infância eu era muito medroso, tímido, não tinha amigos. Já na adolescência, até 16, 17 anos, eu era muito molecão, treinava caratê fanaticamente, todos meus amigos eram da academia, fazia certo sucesso com as meninas... Depois dos dezessete que eu mergulhei mais na vida, caí na coisa gótica, comecei com os *piercings*, as tatuagens. Descobri a homossexualidade também por aí, aos dezoito”, lembra. E talvez por essa virada tão drástica, de um sentimento de transformação tão grande entre a infância e a adolescência, essa última acabou se tornando um tema constante do seu trabalho.

Parte dos personagens de Santiago é de adolescentes que se deparam com o caos que pode marcar as transformações na passagem para a vida adulta. O tédio, a melancolia, a apatia provocada por essas mudanças acabam criando uma realidade caótica, como no caso do seu último romance, *O prédio, o tédio e o menino cego*. “Acho que a figura do adolescente vem um pouco por aí, por essa formação da masculinidade, a masculinidade ainda indefinida – não é uma figura exatamente real, ou realista – é um conflito interessante. E eu pessoalmente tenho um gosto muito particular, não me atraio pela masculinidade, me fascina muito mais o lado delicado e feminino num homem. Meus personagens ideais são sempre andróginos”, analisa.

Por mais (ou menos) que a androginia possa estar relacionada diretamente à homossexualidade, e o fato de ambas surgirem apenas de maneira pontual ao longo da sua obra, a figura de Santiago está ligada ao universo gay, como uma espécie de ícone. “Talvez se eu ficasse mais restrito a esse seguimento isso me incomodasse; do jeito que é, tenho um público gay forte, mas não se restringe a isso, sinto até que meu público feminino é maior. Também a homossexualidade nunca é o tema principal da minha obra, porque mesmo as relações amorosas não são o tema central, eu não trato do amor, então a homoafetividade não entra aí”.

De fato, não há espaço para amor na obra de Santiago. E se existe, ele está transfigurado em neurose ou obsessão, elementos que habitam o intervalo entre sexo e morte. Estes dois elementos, aliás, dosam as histórias do recente *Pornofantasma*. Trata-se do seu primeiro livro de contos, no qual as temáticas trabalhadas nos livros anteriores surgem na forma de diferentes exercícios narrativos. Estão

lá as relações obsessivas, a juventude desencantada, os thrillers de terror, a violência sanguinária. Entre o tom de fábula, fantástico ou meramente visceral, os contos do recente *Pornofantasma* vieram para dar consistência ao universo temático já consolidado de Santiago, mas que agora pode respirar – e respira muito bem – através da prosa de fôlego curto. “A busca era fazer um livro de histórias que eu pudesse sentar e contar para você, que fizessem sentido e tivessem graça em si, mesmo fora do papel”, resume.

Santiago não tem um leitor ideal e ainda se surpreende com a recepção de sua obra. “Meus leitores são muito variados. Eu tenho sim esse povo jovem, de 20 e poucos anos, que é o povo que acaba aparecendo mais para mim, porque me procura na Internet, ou eu encontro na noite. Mas, por exemplo, dia desses participei de um debate, com a (escritora) Ana Paula Maia, em Belo Horizonte, e um senhor de 57 anos se levantou na plateia, disse que adorava ler e que adorava meus livros, era meu leitor. Isso é muito bacana, e o ideal para mim é mesmo ter essa mistura” destaca, orgulhoso.

“Claro que o grande público ainda não me aceitou, nem vai me aceitar. O grande público não aceita literatura em geral, muito menos literatura brasileira contemporânea, mas nunca pretendi ser unanimidade”, avisa. Na sua página do *Facebook*, porém, Santiago é uma plena unanimidade, refletida nas inúmeras cantadas que recebe através da rede social. “E quem não gosta de receber cantadas? Pena que o público leitor em geral não seja lá dos mais atraentes fisicamente... Mas sempre tem um ou outro; sei valorizar os leitores lindos”.

Talles Colatino é jornalista.

ENTREVISTA

Contardo Calligaris

Entenda como o narrador “ajudou” o ofício do terapeuta

Cosmopolita e estrangeiro, Contardo Calligaris revive o alterego Carlo Antonini, no *thriller* *A mulher de vermelho e branco*, segundo romance pela Companhia das Letras

JANETE LONGO/DIVULGAÇÃO



Entrevista a Luís Henrique Pellanda

Uma dedicatória de Stendhal encerra *A Cartuxa de Parma: “To the happy few”*. Sim, o romancista parecia prever que aquele seria um de seus livros mais esquecidos, e que poucos felizardos o leriam, mesmo no futuro. Ou quem sabe a dedicatória expressasse algum desejo ou medo secreto de Stendhal? Nunca saberemos. Seja como for, um dos tais leitores sortudos foi Contardo Calligaris, italiano radicado no Brasil há 25 anos, escritor, psicanalista e colunista da *Folha de S. Paulo*, autor de dois romances editados pela Companhia das Letras: *O conto do amor*, de 2008, e o recente *A mulher de vermelho e branco*, *thriller* contemporâneo que mistura elementos psicológicos e policiais.

Ambos os livros são protagonizados pelo psicanalista italiano Carlo Antonini, claro alterego de seu criador, a quem Contardo, num lance feliz, compara ao protagonista da *Cartuxa*: “Você se lembra de Fabrizio Del Dongo, o herói stendhaliano, no meio da batalha de Waterloo, engajado, em tese, do lado de Napoleão, mas sem entender direito de que lado da batalha ele está?”. Pois bem: na entrevista abaixo, Contardo nos conta que Antonini é, no fundo, todos nós somos aquele homem. E também discorre sobre a importância da arte da narrativa em nossa vida real, traça analogias entre as atividades literária, policial e psicanalítica e avalia as particularidades que o fato de ser estrangeiro e cosmopolita conferiu à sua literatura. Sua escrita é a obra de um homem em trânsito.

Você já disse que fez um “grande desvio” para chegar à literatura. Era a sua primeira vocação?

Não sei se o desvio foi “grande”, mas certamente foi longo. Escrever e contar histórias foi minha esperança dos nove aos 20 anos – talvez um pouco além disso. Mas (desculpe a trivialidade) a vida da gente é feita de encontros, ocasiões, acidentes e por aí vai. Começou com o fato de que cedi à pressão de meus pais para que eu fosse a uma faculdade; logo, no fim da faculdade, tive que me perguntar se iria para a carreira acadêmica ou para a psicanálise e a clínica. Naquela altura, escrever ficção já não cabia na alternativa. Mesmo assim, algo do projeto de escrever histórias permaneceu vivo em mim; e houve amigos cruciais que sempre repetiam que eu devia voltar à ficção (Italo Calvino, por exemplo, e o próprio Roland Barthes).

Seu trabalho como psicanalista e colunista é constante, algo que está sempre se construindo, confundindo-se com sua vida prática. Já seus romances são pontuais. Como é que você separa esses trabalhos?

Bom, talvez o narrador ajude o terapeuta; afinal, uma parte do trabalho psicanalítico e terapêutico consiste em reconstituir a história de uma vida, preenchendo lacunas, imaginando antecedentes, supondo o que os outros fizeram e por quê. Além disso, viver é um trabalho narrativo; não paramos de contar nossa história para nós mesmos, a cada instante, e uma morte tolerável ou mesmo pacífica é aquela que acontece quando a gente viveu uma vida que merece ser contada (isso não significa necessariamente ter vivido uma vida extravagante, mas ter vivido uma vida suficientemente intensa para que possa, eventualmente, ser uma boa história). Então, mesmo quando não escrevo, nunca paro de narrar. A coluna semanal foi e continua sendo, sobretudo, um esforço constante para viver com a intensidade necessária para que ao menos uma experiência, a cada semana, valha a pena

“Muitos de meus pacientes me leem e, às vezes, entendem a coluna como se fosse destinada apenas a eles

ser contada. Também a coluna me ensinou a escrever para enriquecer, de certa forma, a experiência dos leitores do jornal (e não para parecer inteligente aos olhos de alguns colegas, que é o drama de toda escrita acadêmica ou profissional). Enfim, concretamente, o trabalho de reorganizar fios soltos (sei lá, fragmentos de devaneios, experiências que não vivi – meus materiais narrativos básicos) coexiste muito bem com o trabalho terapêutico ou com a escrita semanal do colunista.

Enquanto escreve ficção, você precisa isolar-se de seus outros compromissos?

Claro, quando o *plot*, uma espécie de escaleta, está pronto, detalhado e no papel, ou seja, quando chega a hora de escrever mesmo, aí, sim, tiro férias, geralmente numa cidade onde me sinto em casa, e só escrevo (redijo), durante 15 dias ou um mês. Para cada romance, isso aconteceu mais de uma vez, obviamente. Até porque, quase sempre, reescrevo várias vezes.

É comum que se pergunte aos escritores se estes pensam nos leitores enquanto escrevem. No seu caso, outra pergunta me ocorre: enquanto escreve, você pensa em seus pacientes, ou em seus colegas psicanalistas?

Não. Quando escrevo, penso, na verdade, na história que eu mesmo gostaria de ler. E, por sorte, isso parece interessar os leitores de minhas colunas, alguns colegas e, sobretudo, muitos outros, que não são nem colegas nem leitores da coluna.

Sua literatura repercute em seu consultório?

Escrevo uma coluna semanal na *Folha de S. Paulo* desde 1999. Claro que muitos de meus pacientes me leem e, às vezes, comentam ou entendem a coluna como se fosse especialmente destinada a eles. Com os romances pode acontecer a mesma coisa. Mas sempre achei que isso contribui para o trabalho terapêutico mais que outra coisa.

Carlo Antonini é claramente o seu alterego...

Não é bem assim: prefiro pensar que eu sou o alterego de Carlo Antonini. Aliás, uma leitora me escreveu um e-mail dizendo: “Contardo, você é muito parecido com Carlo”. E recebeu a resposta: “Este é o e-mail de Carlo Antonini; quem é Contardo?”.

Talvez ele seja um dos personagens literários que mais se confundem com seu criador.

Não sei. Esse efeito vale para os leitores que me conhecem. Para um leitor português ou alemão, por exemplo, esse fato é irrelevante. Assim como para o leitor brasileiro médio dos últimos romances de Philip Roth talvez seja irrelevante saber que o autor tem o mesmo câncer que o protagonista. Enfim, é prático: posso imaginar facilmente o que Carlo Antonini faria ou diria em tal ou tal outra circunstância, pois ele é fruto de uma história muito parecida com a minha, ou seja, é um personagem que, de certa forma, não preciso construir. Mas não é só isso: atrás das histórias de Carlo Antonini,

há a vontade de examinar ou reexaminar o enigma da relação entre os fatos da vida privada e os movimentos da História. Você se lembra de Fabrizio Del Dongo, o herói stendhaliano, no meio da batalha de Waterloo, engajado, em tese, do lado de Napoleão, mas sem entender direito de que lado da batalha ele está? Somos todos um pouco assim. No meu primeiro romance, *O conto do amor*, Carlo Antonini, por ter minha idade, se depara com o legado da herança fascista e antifascista e com o da luta armada europeia dos anos 70 e 80. No segundo, *A mulher de vermelho e branco*, o mesmo Antonini tenta entender sua própria militância contra a guerra do Vietnã nos anos 60 e 70 e o terrorismo depois do 11 de setembro. Na vivência desses momentos e movimentos históricos, muito frequentemente, o que nos orienta (ou desorienta) são os percalços de nossa vida privada. Antonini, por exemplo, deve seu entendimento da guerra do Vietnã a uma história de amor, o entendimento da resistência antifascista à história do pai dele etc. Precisava de um protagonista parecido comigo.

Você tem definições interessantes sobre a narrativa: “a arte de nos narrar é nossa arte de viver” ou “nossa capacidade de viver”. Seus autores favoritos reforçam essa ideia?

Em dois sentidos. A literatura é o primeiro repertório moderno

“A literatura é o primeiro repertório moderno de condutas possíveis. A literatura substitui qualquer tratado de ética

das condutas possíveis (o segundo é o cinema, em ordem cronológica). Portanto, a literatura substitui qualquer tratado de ética, para nós, modernos. Fora isso, acho que cada um de nós escolhe um estilo narrativo como estilo de sua vida. Há pessoas que vivem sua vida como um policial investigativo, outras como um monólogo introspectivo, outras como uma aventura. E é uma escolha que não é apenas formal: acho que sempre tentei viver minha vida como uma aventura. O que não significa apenas viver aventuras mais ou menos extraordinárias, mas também (talvez mais ainda) descobrir a aventura no meu cotidiano.

O fato de ser “estrangeiro” é fundamental em sua literatura. No seu caso, porém, há um elemento de cosmopolitismo bastante forte. Qual foi o papel das cidades ou dos países em que você viveu na sua formação como escritor? Há algum lugar que o tenha influenciado mais que os outros?

Você tem razão. Acho que o que mais me influenciou não foi um país nem uma cidade, foi o fato de estar sempre em trânsito. Mesmo permanecendo num lugar, quase sempre de mala pronta. É uma condição no limite entre a sensação do desterrado e outra, mais contemporânea, de que não há como ser desterrado num mundo em que somos todos sem pátria. Então, digamos que o lugar

que mais me influenciou foram as fronteiras.

Na literatura, o policialesco sempre dialogou bem com a psicanálise. Como acontece em seu livro, policiais e psicanalistas podem ser aliados. Por que esta fórmula funciona?

Como diz Jeff, em *A mulher de vermelho e branco*, policiais e psicanalistas têm isto em comum: eles não acreditam em coincidências.

O que você pretende ao escrever ficção? Seu romance mais recente é um thriller, e flerta com o entretenimento. Mas você não perde a chance de inserir na trama uma série de reflexões sobre o mundo contemporâneo, como as crises interculturais, o terrorismo internacional e o interesse da sociedade pelos problemas decorrentes da pedofilia. A literatura tem a função de debater a sociedade atual?

Pretendo contar algumas boas histórias, como as que gosto de ler. E as que gosto de ler são as que me pegam, me seduzem, me divertem e, ao mesmo tempo, enriquecem minha experiência do mundo. Ou seja, aquelas que, uma vez fechado o livro e esquecida a história, fazem com que minha vida seja mais interessante e mais complexa graças àquilo que li e que esqueci, ou quase. E que, aliás, quem sabe, um dia eu leia novamente.

Luís Henrique Pellanda é jornalista e autor do livro *O macaco ornamental*.

PROJETO EDITORIAL

HALLINA BELTRÃO SOBRE FOTOS DE DIVULGAÇÃO



Malditos, mas sem perder a ternura

Diogo Guedes

Comparada com o passado, a época atual lida melhor com o choque e as quebras de convenção. Tanto que a ideia de algo maldito, renegado, uma constante na história da literatura, hoje parece bem mais rara – mesmo as obras que rompem com a moral, com as convenções estéticas e com os paradigmas do tempo atual são facilmente aceitas, concorrem a prêmios disputadíssimos e recebem críticas elogiosas até mesmo de acadêmicos respeitados. Apesar disso, a Companhia das Letras decidiu agora lançar uma coleção, a Má Companhia, apenas com livros polêmicos, politicamente incorretos e “malditos”. Algo estranho, quando o controverso parece cada vez mais aceito.

Não que o “maldito” não exista mais. Na verdade, escolher o que merece o adjetivo parece ser algo como tachar algum autor de “poeta marginal”. Nos dois casos, é claro que existem traços que levam leitores, crítica ou mercado a fazerem a relação entre os vagos

conceitos e a obra. O problema é que o termo acaba funcionando como uma prisão tautológica, uma definição e um limite que o escritor vai passar a carreira tentando superar. Uns parecem conformados e até satisfeitos com a alcunha, mas, mesmo para esses, ela normalmente não passa mais do que um recurso preguiçoso para estabelecer a imagem contracultural de sua produção.

Até agora, o selo da editora paulista possui três títulos lançados, além da confirmação de lançamentos futuros. A coleção começou com *Tanto faz e Abacaxi*, obras de Reinaldo Moraes da década de 1980 reunidas em um único volume, e *O Invasor*, de Marçal Aquino, que completou dez anos de sua primeira publicação. Os dois livros, como propõe a coleção, saíram em formato *pocket*, com um belo projeto gráfico do Estúdio Retina 78.

Em julho, mais um título: *Sonetos Luxuosos*, de Pietro Aretino, com tradução e apresentação do falecido poeta José Paulo Paes. A obra, escrita originalmente no século 19, mostra bem o movimento da coleção de referir-se a livros que se marcam como polêmicos e

malditos em relação a um contexto específico, mas que conseguem carregar essa fama até os dias atuais. Isso parece evidente mesmo nos lançamentos mais recentes, como *O Invasor* e *Não há nada lá* (2001), de Joca Reiners Terron, que deve sair neste último semestre do ano. Eles se reportam sempre ao seu momento histórico e à reação da crítica e do público daquele instante, ao que se convencionava como *status quo* literário da época.

Segundo Joca Reiners, a ideia da coleção da Companhia das Letras veio de um jantar com o fundador da editora, Luiz Schwarcz, e Marçal Aquino. “Eu vinha fazendo a piada de que criaria uma nova editora chamada de Má Companhia das Letras desde uma conversa que tive com o escritor Paulo Sandrini no Encontro de Interrogação, evento no Itaú Cultural em 2004”, lembra Joca Reiners. A brincadeira incluía imaginar versões “maléficas” dos elegantes logos da casa, com aviões explodindo e carros colidindo. “No jantar, depois de uns goles, arrisquei contar a piada ao Luiz. Para minha surpresa, ele a levou a sério”.

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

LANÇAMENTO

Ensaio sobre a literatura transgressora do escritor argentino Copi é aposta de editora carioca

A Editora Confraria do Vento acaba de lançar *Copi: transgressão e escrita transformista*, da pernambucana Renata Pimentel (foto), sobre o multiartista argentino exilado na França, que se notabilizou pela rebeldia contra os “bons costumes”, na vida e nas artes. A editora surgiu no Rio de Janeiro, a partir de um grupo de escritores, que editou até 2009 a *Revista Confraria*, e

tem por objetivo principal divulgar o que está sendo produzido na atualidade. Tendo como um de seus editores o poeta carioca Victor Paes, a empresa promove intercâmbio com escritores de todo o mundo e dá apoio a saraus, festivais e simpósios ligados à literatura, abrangendo, em suas publicações um amplo leque de assuntos, da filosofia à poesia e a prosa.

DIVULGAÇÃO





MALDIÇÕES LITERÁRIAS

Em entrevista ao **Pernambuco** de fevereiro, Reinaldo Moraes comentou parte do processo de releitura e re-edição de suas duas obras. Ambas contam com o mesmo personagem, o jornalista Ricardo de Melo, narrando suas vivências com mulheres, porres e escatologias – como o próprio autor descreve, “um Ulisses avacalhado que vive atrás de umas nereidas”. “Só dei umas garibadas pontuais no texto, sem mexer na estrutura das frases nem nos coloquialismos ‘de época’. Mexi onde achei legal mexer pro texto fluir e ‘dizer’ melhor. Como dizia o Murilo Mendes, outro grande mexedor de obras relançadas, posso mexer à vontade, pois não sou meu sobrevivente, sou meu contemporâneo”, revelou o escritor na ocasião.

Já o primeiro lançamento de *O Invasor*, de Marçal Aquino, se deu simultaneamente à finalização do filme do seu parceiro Beto Brant. Com a edição anterior esgotada, o livro volta às prateleiras acompanhado do roteiro da película e de fotos da filmagem. A obra é descrita pelo escritor como um “policial puro-sangue”, tratando, com um ponto de vista pessoal, dos planos de dois engenheiros paulistas para matar seu sócio.

Não há nada lá, de Joca Reiners, traz em seu próprio enredo as marcas do adjetivo “maldito”. William

Burroughs, Rimbaud, Raymond Roussel, Aleister Crowley e Torquato Neto são alguns dos interlocutores da obra, marcada por uma prosa ousada e experimental. “O livro trata de preocupações muito em pauta na virada do século, como a do fim do mundo, a da extinção do livro etc. Foi escrito sob essas condições”, descreve. Segundo ele, a obra ainda faz a defesa de uma literatura imaginativa, em detrimento dos valores jornalísticos e naturalistas – para a nova versão, recebeu uma apresentação bastante elogiosa assinada pelo escritor catalão Enrique Vila-Matas.

Como é de se imaginar, republicar o texto finalizado há dez anos trouxe alguns incômodos. “É muito difícil. Sinto grande dificuldade em reler coisas antigas. É como se ver numa foto na qual você não se reconhece mais”, revela Joca Reiners. O livro, segundo ele, traz as marcas de uma época em que ele levava sua “tendência à pompa” a sério, o que levou ao corte de alguns excessos e à revisão de frases, buscando uma maior clareza.

Sobre o selo que ajudou involuntariamente a criar, o escritor diz não conseguir enxergar o que há de exatamente em comum entre sua obra e os demais títulos da coleção. Para ele, na verdade, há pouco em comum em quaisquer dos livros seus. “No *Não há nada lá* eu ainda tinha cabelos, e talvez por isso o texto fosse mais barroco e as ideias mais complicadas. Hoje sou completamente careca e busco ser mais direto”, reflete bem-humorado.

Incluído no rótulo, Joca Reiners se reporta às origens do adjetivo para aceitar a alcunha. “Existe aquela literatura designada ‘maldita’ por Paul Verlaine, que organizou uma antologia de poetas do século 19 com esse título. Na época, esses poetas (Rimbaud e Corbière entre eles) não tinham recebido a atenção que mereciam”, conta. “Nos dias de hoje, creio que quase toda a ficção literária é maldita, pois merece pouca atenção do público leitor, cada vez mais adepto da não-ficção. A única maldição a ser evitada é aquela que o escritor cria para si próprio”.

Assim, para ele, além da temática, a restrita primeira edição de *Não há nada lá*, com apenas 500 exemplares, que saiu pela Ciência do Acidente, é o seu próprio atestado de marginalidade e maldição. Já Reinaldo Moraes, um dos autores no Brasil que mais recebe a adjetivação de “maldito”, conta que se vê, por meio de resenhas de jornalistas, acadêmicos e blogueiros, “perigosamente próximo ao *mainstream* literário, não mais estacionado na margem”. Mas se diz ciente do perigo: “Sei que isso é momentâneo e pode mudar a qualquer momento”.

Como amigo de André Conti, responsável pelo selo, Joca Reiners promete, depois de ter um papel importante no surgimento da coleção, continuar participando dela, ao menos como opinante. “Fico enchendo o saco do André Conti, o editor, com sugestões”, confessa. A atitude é completamente compreensível. Afinal, no fundo, os leitores parecem saber que a literatura que marca verdadeiramente a vida pessoal é aquela suja, sem amarras, tanto comprada como lida de forma escondida e obscura. Talvez só através dos malditos é possível ser contaminado pela maldição da literatura.

VITALIDADE

Literatura infantil e juvenil ganha destaque

Três eventos de grande porte darão visibilidade local à literatura infantil e juvenil: o I Encontro Pernambucano do Livro Infantil e Juvenil, agora em agosto, durante o Festival Literário da Cidade do Recife; a Bienal Internacional do Livro, que terá seção dedicada ao assunto, em setembro; e a Fliporto, em novembro, com seus braços dedicados ao público infantil e juvenil, a Fliporto Criança e a Fliporto Nova Geração.

COLEÇÕES

A Confraria do Vento adquiriu a Editora Calibán e seu catálogo formando com ela uma coleção

Ao adquirir a Editora Calibán, a Confraria do Vento herdou seu catálogo e com ele criou a Coleção Calibán. Entre os livros publicados neste selo estão o elogiado romance *Deixa ir meu povo*, de Luzilá Gonçalves Ferreira, a coletânea de crônicas publicadas anteriormente na internet *Blogosfera*, de Homero Fonseca e o excelente livro de poemas *As filhas de Lilith*, de Cida Pedrosa, todos autores

de Pernambuco, além do já clássico *Zé Limeira – O poeta do absurdo*, biografia do lendário cantador escrita pelo paraibano Orlando Tejo. Outra coleção da editora é a Massapê, na qual foi lançado, recentemente, o livro *Cartas de Paris*, anotações poéticas de viagem da também pernambucana Ina Melo, que já frequentou várias antologias, mas estreia sozinha neste volume.

A Cepe – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

- I Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
 1. Contribuição relevante à cultura.
 2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
 - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
 - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;
 3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemple a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.
- II Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.
- III Os textos devem ser entregues em quatro vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor.
- IV Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.
- V Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.
- VI Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Presidência (originais para análise)
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro
CEP 50100-140
Recife – Pernambuco

Cepe
COMPANHIA EDITORA DE
PERNAMBUCO

Secretaria
da Casa Civil



PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO

CAPA

HALLINA BELTRÃO



Reacionário, racista e escritor

Por quais parâmetros um artista deve ter a sua literatura julgada?

Fellipe Fernandes

Como lidar com um escritor de ideias abjetas, mas cuja obra pode ser considerada genial? Essa questão, com inclinações paradoxais, parece fustigar as mentes de leitores e intelectuais ao redor do mundo, provocando discussões profundas sobre a relação entre arte e sociedade, respeito e expressão. A última polêmica do dilema “Por que genial se racista? Por que racista se genial?” foi protagonizada pelo francês Louis-Ferdinand Céline. Morto em 1º de julho de 1961, o escritor teve o seu cinquentenário de morte excluído das celebrações oficiais da França, por conta de seu apoio ao nazismo. “Celebrar não é inocente” – foi o slogan de exclusão da efeméride das entidades judaicas.

Durante a ocupação nazista na França, Céline deu suporte à causa alemã, escrevendo inclusive três panfletos anti-semitas. Ao fim da Segunda Guerra Mundial, ele foi acusado de traição pelo Estado francês e refugiou-se na Dinamarca, recebendo anistia da justiça francesa em 1951. Ao tomar conhecimento da lista de celebrações nacionais para o ano de 2011 na França, o presidente da associação judaica Fils et Filles de Deportés Juifs de France (FFDJF), Serge Klarsfeld, com apoio de outras entidades judaicas, exigiu que o cinquentenário de morte de Céline não fosse celebrado pelo Estado. O ministro da cultura, Frédéric Mitterrand, acatou o pedido e, como resultado, nenhuma comemoração oficial celebrou a efeméride em julho passado.

“O anti-semitismo de Céline o descredita tanto como homem quanto como escritor. Nossa exigência me parece natural tendo em vista os escritos anti-semitas de Céline. Seu talento não deve nos fazer esquecer o homem que clamava pela morte de judeus durante a Ocupação. Que a república o celebre é indigno” – declarou Klarsfeld à imprensa francesa, questionando a “inocência” da celebração.

A vida de Céline se confunde com sua obra. Seu romance mais consagrado é um exemplo disso: *Viagem ao fim da noite* é carregado de referências autobiográficas sobre a participação do autor na Primeira Guerra Mundial. Lançando mão de uma prosa áspera e virulenta, o francês foi capaz de influenciar diversos escritores em todo o mundo, ultrapassando as fronteiras de sua própria língua. Ao colocar em perspectiva a personalidade e a obra de Céline, o pesquisador e crítico literário Luiz Costa Lima acredita que “se fosse para julgá-lo em termos éticos, o cara mereceria a pena máxima. Mas ser, como era, um notável escritor significa que, apesar de sua postura, apresenta um espectro da realidade de que, sem sua obra, no máximo apenas desconfiaríamos”.

Uma pesquisa informal realizada pelo jornal *Le Figaro* revela que 65% dos seus leitores acham que o autor de *Morte a crédito* deveria ter os cinquenta anos de seu falecimento celebrado pelo Estado francês. O crítico e autor da biografia de Clarice Lispector, *Clarice*, o norte-americano Benjamin Moser, alerta, todavia, para o teor político da decisão: “que se trata de uma lista do ministério da Cultura, ou seja, uma lista política, respondendo à pergunta de quem é que queremos como cara do nosso país”. Ele sugere ainda que a exclusão do nome de Céline reflete a questão: “Quais valores quer defender o Estado?”

Mas longe da oficialidade estatal, a efeméride não vai passar em branco. Colocado por muitos críticos ao lado de Marcel Proust no Olimpo dos grandes escritores franceses do século 20, Céline teve suas correspon-

dências com o jornalista Paul Bonny vendidas por R\$ 83 mil num leilão que reuniu, entre originais, objetos pessoais e ilustrações, 250 peças relacionadas ao artista. Ainda este ano as livrarias francesas recebem diversos lançamentos bibliográficos. Dentre eles o mais festejado é a biografia *Céline*, escrita por Henri Godard, professor da Sorbonne e especialista na obra de Céline. Em janeiro, quando foi anunciada a decisão do ministério da cultura francês, o cineasta Jean-Luc Godard publicou um artigo no jornal *Le Monde* afirmando que “Céline, pela inovação que ele proporcionou à prosa francesa, pelo seu gênio cômico e pela expressão que ele soube dar às duas guerras mundiais, tinha de fato um lugar nessa lista em 2011”. Godard finaliza refletindo sobre os códigos de valores oriundos das criações artísticas e a moral, ressaltando que casos como o de Céline nos obriga a aprofundar nossas reflexões sobre a relação, por vezes contraditória, entre esses códigos.

PALAVRAS TROCADAS

A recente querela francesa deixa claro o quanto reflexões sobre a relação entre arte e moral são cada vez mais frequentes no campo literário. A sociedade está aprendendo, na prática, a lidar com o fato de que nem todos os ídolos são heróis e nem tudo na arte propulsiona um desenvolvimento social. Na literatura norte-americana, Mark Twain foi o centro da berlinda. Seus mais famosos livros, *As aventuras de Tom Sawyer* e *As aventuras de Huckleberry Finn*, foram re-editados num único volume com a troca da palavra “nigger” (sinônimo pejorativo de negro) por “slave” (escravo). O vocábulo, que aparece 219 vezes em *Huckleberry Finn* e 4 vezes em *Tom Sawyer*, foi completamente banido da nova edição lançada pela NewSouth Book, que elimina também a palavra “injun” (termo pejorativo para índio).

O responsável pela revisão, Alan Gribben acredita que dessa forma o livro poderá ser acolhido por um número maior de pessoas. Especialista na obra de Twain e professor de inglês na Universidade de Auburn, Gribben já vinha fazendo leituras públicas nas quais efetuava a troca, recebendo com isso uma resposta positiva do público. Uma pesquisa realizada pela Harris Poll, contudo, revela que apenas 13% dos americanos entrevistados apoiam a alteração do vocabulário utilizado por Twain.

Em meio a toda essa polêmica, uma questão permanece sem resposta: será que o autor concordaria com a troca? Nascido em Flórida em 1835, Twain, pseudônimo de Samuel Langhorne Clemens, foi criado dentro do conservadorismo sulista numa época em que a expressão “nigger” fazia parte do vocabulário habitual. Os livros “censurados” tomam como inspiração a própria infância do autor, à beira do Mississipi, refletindo modos e costumes da época. *As aventuras de Huckleberry Finn* foi considerado por Ernest Hemingway como a base da literatura americana moderna, mas isso não foi suficientemente relevante para impedir que o livro acabasse pouco a pouco sumindo dos currículos escolares por conta do teor ofensivo da palavra “nigger”. Mesmo a imprensa americana, ao tratar da polêmica, procura evitar o termo, preferindo muitas vezes chamá-lo de “the ‘n’ word” (a palavra n) devido à agressividade do vocábulo.

CAPA

“Essas coisas (sexistas, racistas, homofóbicas, anti-semitas) sempre tinham-se falado nos Estados Unidos, como no Brasil ou em outro país qualquer. Mas, de repente, a sociedade mudou e hoje em dia, nenhum americano andaria falando este tipo de coisas, mesmo quando as acha. O que é uma enorme diferença com a geração dos meus pais. E, para mim, uma mudança positiva”, observa Benjamin Moser.

Gribben conta ainda que, antes da publicação, já havia sido procurado por diversos professores que gostariam de tratar desses livros em suas aulas, mas que sentiam que não podiam, “pois esse tipo de vocabulário é realmente inaceitável na sala de aula”. Segundo ele, a nova edição das obras se apresenta como uma alternativa para os professores que não trabalhavam a antiga versão, e para os leitores de um modo geral que viam na palavra “nigger” uma barreira para compreensão do valor e importância da obra de Twain. Entretanto, a jornalista, especialista na *Semana de 22* e biógrafa de Monteiro Lobato, Márcia Camargos, pondera que “se você elimina os pontos de atrito, higienizando uma obra, ao retirar dela a palavra ‘preto’ ou ‘nigger’, por exemplo, você está traindo o autor, desprezando a inteligência e infantilizando o público leitor. Pior: estará tirando da literatura o seu status de obra de arte, transformando literatura em produto de consumo, embalado de acordo com as mais recentes normas de conduta ditadas pelo politicamente correto em vigência”.

EMÍLIA E O RACISMO

A adequação de clássicos da literatura às salas de aula também esteve no foco das discussões recentes no Brasil. Em outubro do ano passado o Conselho Nacional de Educação (CNE) publicou no *Diário Oficial da União* um parecer sugerindo que o livro *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato, não fosse distribuído às escolas públicas, ou, se fosse, que uma nota explicativa sobre o teor racista da obra fosse incluída. Escrito em 1933, o romance conta uma das aventuras da turma do Sítio do Picapau Amarelo. No livro, a negra Tia Nastácia é comparada a uma “macaca de carvão”. Em outro momento, sob a ameaça de um ataque das onças pintadas Emília diz: “uma guerra das boas. Não vai escapar ninguém – nem Tia Nastácia, que tem carne preta”. Segundo a autora do romance *Um defeito de cor*, Ana Maria Gonçalves, “a compra e distribuição gratuita nas escolas públicas de ensino fundamental e médio do livro *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato, fere o Estatuto da Criança e do Adolescente, o Estatuto da Igualdade Racial e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional”.

Para além da questão legislativa, Moser alerta ainda que “ler Monteiro Lobato como um escritor inocente para criancinhas ignora que ele era uma pessoa fortemente politizada e os livros dele também”. A publicação recente de cartas pessoais deixa evidente o pensamento racista do criador de Emília, que nas correspondências chega a lamentar a ausência de uma versão da Ku Klux Klan no Brasil e faz uma defesa entusiástica das ideias eugenistas do racismo científico.

Em junho passado, o CNE decidiu rever o seu parecer inicial atendendo pedido do ministro da Educação, Fernando Haddad, e passou apenas a recomendar a contextualização dos autores e dos livros, em particular daqueles que foram escritos num período em que ainda não se discutia o preconceito racial. O MEC prevê para este semestre a distribuição de um livro que oriente os professores de escolas públicas na adoção dessa abordagem. Nascido sete anos antes da abolição da escravidão, Lobato reflete valores sociais de mais de um século atrás. Para Márcia, co-autora da biografia *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*, a utilização do livro em escolas públicas é uma forma de trazer um tema indigesto para o centro do palco. “Naquela época Lobato não poderia colocar a Emília dizendo coisas como ‘Minha companheira afro-descendente’ para Tia Nastácia” – explica Márcia – “na sala de aula, o professor deve lidar com estas questões e perguntar quantos negros estão estudando hoje no ensino fundamental e nas universidades. Aproveitar a polêmica suscitada pela obra de Lobato para debater o papel e o lugar do negro na sociedade brasileira hoje, tentando decifrar o que mudou de lá para cá”.

Uma questão parece implícita nessa discussão: o escritor, ou o artista de maneira geral, deve tomar certas precauções ao expor suas opiniões numa obra? “Se o autor estiver escrevendo um livro que vai – ou tem o potencial para – ser adotado como material paradidático, há que se ter uma série de cuidados, sim. Principalmente se esse livro é para o público infanto-juvenil, crianças e adolescentes em processo de formação identitária”, acredita Ana Maria. Para além do livro didático voltado para formação, entretanto, os cuidados devem ser outros, pois “o autor precisa de toda a liberdade do mundo para criar personagens, fatos, dilemas, disputas e etc.” pontua Márcia.

De acordo com o escritor e jornalista Ruy Castro o posicionamento ideológico, político e social de um artista não deveria condicionar o acesso à sua obra de maneira alguma. Autor da biografia *O anjo pornográfico*, sobre Nelson Rodrigues, ele lembra que “enquanto foi vivo, Nelson foi perseguido pela direita e pela esquerda e, no fim, só pela esquerda. Mas, depois de sua redescoberta nos anos 1990, ele ficou tão acima de qualquer posição política que deixou de ser julgado por isto” – o que nos faz pensar sobre o papel que as circunstâncias sociais exercem nessa discussão. Afinal, como coloca Márcia, “a riqueza de qualquer clássico reside também na sua possibilidade de suscitar o debate a partir de uma determinada realidade retratada pelo autor”.

A controvérsia em torno da obra de Lobato gerou uma discussão fervorosa, envolvendo questões como censura e liberdade de expressão. Bacharel em filosofia e doutorando em letras da PUCRS, onde desenvolve uma pesquisa que relaciona engajamento político e literatura, Pedro Mandagará pondera que no caso de Lobato “não houve ‘censura’, mas uma





recomendação de contextualizar a ideologia racista, o que representa tanta interferência na obra quanto as notas de rodapé que explicam quem são os contemporâneos de Dante queimando no Inferno. E deve se levar em conta que a discussão é sobre o uso de verbas milionárias do MEC destinadas à compra de livros – ou seja, sobre como se deve usar o dinheiro público”.

Para Ana Maria o que foi visto durante esse debate foi uma polarização de dois grupos sociais: “de um lado, imensa parcela da sociedade brasileira, escondida atrás de brados do ‘patrulhamento politicamente correto’, brigando pelo direito de continuar desrespeitando; e de outro, crianças negras em sala de aula sentindo-se constrangidas e desrespeitadas através de expressões claramente racistas”.

POLITICAMENTE FALANDO

Politicamente correto é a expressão que paira sobre todas essas polêmicas literárias. A origem do termo remonta aos Estados Unidos no final da década de 1980: “Era um xingamento lançado pela parte mais republicana, reacionária e racista da nossa sociedade, que em curto tempo convenceu muita gente de que a nação estava caindo nas mãos de uma turma estalinista que não queria deixar ninguém a liberdade de falar”, afirma Benjamin Moser. O escritor explica que a utilização do termo começou como uma reação a uma transformação que teve início nas universidades na década de 1960 – quando o movimento dos direitos civis dos negros e o feminismo começaram a questionar a pequena quantidade de obras representativas das minorias nos currículos escolares e universitários.

“Às vezes havia certo exagero nisso, mas a ideia foi a de fazer, com a literatura e com a educação nacional, uma sociedade mais abrangente, que levasse em conta as diferentes experiências de que foram feitas a nossa nação. E havia uma reação intensa de oposição”, conta Benjamin. “Hoje em dia, é muito normal incluir vozes de diferentes grupos e de diferentes países. O fato de eu poder publicar nos Estados Unidos uma biografia de uma mulher judia de Pernambuco é em grande parte graças a este movimento de inclusão”, completa o autor referindo-se à escritora Clarice Lispector.

Nas últimas décadas a discussão sobre o politicamente correto ganhou força também no Brasil e provocou reações extremas. A própria elaboração desta reportagem sofreu o desconforto da utilização da expressão – que, refutada por alguns e demonizada por outros, mexe em feridas ainda sensíveis. Costa Lima acredita que “o politicamente correto é a maneira mais atual da velha hipocrisia humana”. O crítico defende que a questão se manifesta na linguagem usual, haja vista a cartilha de termos politicamente corretos lançada durante o governo Lula, pela falta de desenvolvimento de um senso crítico pelas coletividades. “Em vez de desenvolverem-se políticas anti-racistas ou contra a homossexualidade, coíbe a linguagem e, então, parece que se crê que falar em ‘afro-americano’ ou em ‘repúdio à homofobia’ é suficiente para que se aceite a diferença de cor ou de preferência sexual”, argumenta Costa Lima.

Claro que a discussão do politicamente correto ultrapassa o campo literário. Segundo Pedro Mandagará o que podemos observar é a existência de “um movimento crescente de defesa do suposto direito de pessoas externarem opiniões preconceituosas e homofóbicas, em nome de um conceito equivocado de liberdade de expressão”. O pesquisador refere-se, principalmente, a casos que envolvem o “humor politicamente incorreto” e reações públicas de repúdio a conquistas das minorias, como a legalização da união homoafetiva. “Não acho que exista um cerceamento politicamente correto, e que o que há é bem o contrário: o ressurgimento de forças conservadoras (Reinaldo Azevedo, Ali Kamel), alinhadas a um certo niilismo de apartamento do humor das velhas classes médias (CQC)”, completa o pesquisador.

ESPECIAL

O desejo sob o sol que nos (des)protege

Entenda como o Recife se tornou a “Nação da Carne” para o escritor Túlio Carella

Carolina Leão

“Por toda parte, vê-se uma profusão de combinação de cores que choca Lúcio, mas ele descobre que é preciso a cor intensa para não desaparecer na luz tropical. A policromia é uma defesa contra o sol que devora o branco dos climas quentes”.

A *flânerie* exige uma predisposição à melancolia. Como deixar-se envolver pela multidão sem ser confrontado com os sentimentos desconhecidos que nos protegem de nós mesmos? Também requer uma curiosidade laboriosa que, fronteira, limita-se entre o entregar-se ao coletivo, descortinando-o quase antropológicamente, e o criar uma espécie de panopticon privado, no qual as imagens e as ideias do outro sejam observadas não como moral, mas como arte. A princípio, o desafio do flâneur não era científico, mas estético: o alumbramento diante da cidade e a desconstrução do mito da metrópole em nome da experiência individual (e da assinatura do artista, claro).

Quando chegou ao Recife, em 1960, para ministrar uma disciplina no recém-formado curso de Artes Dramáticas, da Universidade do Recife (hoje UFPE), o argentino Túlio Carella encontrou condições especiais, sociais e individuais para criar sua janela e observatório pessoal. Na Argentina, já era um intelectual de representação significativa, tendo vivenciado o modernismo portenho e crescido numa cidade cuja modernização chegara com estrutura econômica, ainda no final do século 19. Embora reconhecido, Túlio parecia um *outsider*. No Recife, o sonho de ser anônimo e, enfim, vaticinar seu deslocamento íntimo, realiza-se durante os dois anos em que as ruas predominadas pelo cheiro dos manguezais viram seu percurso cotidiano, registrado analiticamente em forma de um diário estetizado pela melancolia e sensualidade de Carella.

O Recife emerge de sua narrativa confessional surpreendente, junto com seus personagens; seu ethos; sua aura católica e o provincianismo burguês; sua movimentação e conservadorismo. Aspectos culturais relevantes para o entendimento do ser e pertencer à capital pernambucana revelam-se nas páginas de *Orgia*, diário traduzido por Hermilo Borba Filho, que depois de décadas esgotado tem relançamento pela editora Operaprima. Em cinco décadas, *Orgia* ganhou status de *cult* por sua narrativa homoerótica dispor de elementos caros ao tema, como a guetificação da atividade sexual e a marginalização do afeto. É fácil analisar *Orgia* por essa perspectiva. A começar pelo título e a descrição da contracapa: “quem sabe por que escrevo este diário? Por amor ao pecado, talvez, para quem lê-lo?, ou tento justificar-me a mim mesmo com uma exagerada grandeza no erótico? Que procuro? Que persigo”, diz.

A narrativa explora detalhadamente a arte da sedução, da entrega e do desejo homossexual. O que faltou, no entanto, nessa análise tão ligada ao afeto homossexual, foi a percepção de que *Orgia* fala também do Recife. Dos seus guetos, da sua *marginália*. Da homossexualidade compulsória dos morenos, mulatos e mestiços que circulavam pela cidade oferecendo o falo como sedução, troféu e moeda de troca. Ao nos propiciar essa passagem pela intimidade pessoal do escritor, *Orgia* incomoda, desconcerta e seduz, contraditoriamente, das formas mais diversas. Compartilhamos a angústia do autor, em seu deslocamento. Mas em tempos do politicamente correto a ferro e fogo nos incomodamos com sua sinceridade. Uma delas é a sua capciosa e retórica pergunta feita regularmente nas 300 páginas do livro: “o que é um negro?”, pergunta o personagem Lúcio, durante os idílios sexuais com os mulatos encontrados nas zonas de prostituição da cidade ou quando se vê diante de um belo exemplar do gênero. Malandros, mendigos, amantes. Negros. O que é um negro?

Não podemos deixar de voltar à *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, obra que tentou desvendar psicossocialmente as etnias formadoras da identidade brasileira e cuja atenção recorreu às raças africanas impostas à economia açucareira. Em sua obra monumental, Freyre fetichiza os primeiros contatos dos colonizadores com os povos primitivos. Diz que os galegos aportaram no Brasil praticamente pisando em índias nuas, voluptuosas que, segundo o intelectual, despertou nos portugueses o arquétipo da moura encantada de suas lendas tradicionais. Os últimos capítulos de *Casa Grande & Senzala* avaliam a participação e influência da cultura negra no sistema patriarcal e mostram o confronto entre o mundo civilizado e o primitivo – e o processo sádico que surge a partir

No livro, emerge uma cidade e sua *marginália* social e sexual, seus mulatos e mestiços que oferecem o corpo como troféu

da figura do senhor de engenho, que seduz e estupra as negras escravas, não por sê-las de raça inferior ou malemolência provocante.

Aqui, a questão é o poder que permite e banaliza a imposição do homem branco sob os demais. No entanto, o discurso é de que a malemolência e sensualidade acabariam por incitar o falo sexual dos dominadores. Quem discute as presas fáceis? Eram fáceis? Se “desfrutáveis”, deixaram-se seduzir por livre arbítrio, fizeram apenas por uma questão atávica ou foi a entrega uma forma de “negociar” a própria liberdade e ascendência social?

Outra digressão: Bahktin, em *Cultura Popular na Idade Média*, investiga a relação entre cultura e civilização, mostrando como determinadas manifestações populares são encaradas como primitivas e deveriam ser evitadas pela incipiente burguesia se esta quisesse se mostrar como polida e cortês. As danças sensuais e a gula, movimentos do baixo ventre, eram alguns dos indicadores de atos primitivos, relacionados à volúpia, ao descontrole dos instintos naturais que acabaram sendo normatizados no processo civilizador (a partir do século 16). A obra de Carella percorre exatamente essas questões. Nela, temos o argentino civilizado e encantado com a oferta fálica pelas ruas do Recife. A oferta de negros. Enquanto a moral branca, vestia-se de forma minuciosa e trancafiava seu corpo e seu desejo. Cabia à burguesia acompanhá-la pelos sobrados, pelos casarios ou pelo indiscreto estreitamento das casas conjugadas que revelam muito mais do que se poderia saber sobre a alteridade do senhor, seu vizinho. Cabia à experiência popular vivenciar o inferno típico da cidade: a sobrevivência. Desse modo, não nos distanciamos muito do início da nossa colonização e da dialética da nossa modernidade.

Vejamos alguns trechos comentados de *Orgia*. “E começo a andar para apreender os aspectos da cidade. Na fila que esperava o ônibus havia muitos morenos, limpos e comunicativos. Vê-se outros mais nas ruas e todos têm um aspecto alegre, sereno pacífico. Há uma predominância de jovens, quase não se veem velhos. Os canais lodosos, amarelados recordam-lhe as águas do Rio de la Plata. O centro da cidade não é muito grande. E formado por duas ruas paralelas e muitas transversais”, transcreve Carella, através do personagem Lúcio. O ato de se deixar movimentar pelo ritmo da cidade pontua a *flânerie* de Carella, que tece comentários sobre o provincianismo do Recife em meio à sua modernização: “Não é difícil compreender a geografia do Recife. Há uma ilha e dali partem as ruas, que se abrem como um leque. O rio Capibaribe ondula sinuosamente em curvas pronunciadas. As pontes são simétricas, mas diferentes. Um ar calmo, provinciano, parece envolver tudo. O que mais lhe chama a atenção é o duplo aspecto da cidade. Até aqui chegou o horrível progresso, com seus arranha-céus de cimento, metal e vidro. A avenida Guararapes é um exemplo de modernismo decepcionante”.

Túlio chegou ao Recife após o boom desenvolvimentista da era Juscelino, que foi seguida por recessão, inflação e pobreza, principalmente na região nortestina. Embora a situação econômica não fosse uma das melhores, a cidade já contava com uma reflexão urbanística modernizante desde os anos 1920. Em certo trecho, um moreno lhe chama para a Praia do Pina, que diz ser ideal para a entrega amorosa. Já Boa Viagem seria indiscreta: alterna edifícios modernos com verdadeiras cabanas. Vazios imensos intercalados de arranha-céus e casas miseráveis.



RICARDO MOURA



Por onde anda, Carella se depara com mendigos, pedintes. Sente-se deprimido e vai à Igreja comungar. A oferta de igrejas não se compara a dos mulatos, mas é opulenta. Para Carella, as ruas com casas e sobrados coloniais de cores amarela, celeste e rósea são a verdadeira fisionomia da cidade. “A calma dominical envolve este lugar da esfera terrestre que nem sempre aparece no mapa. As mulheres e os homens vestem-se com esmero minucioso. Vão à missa. Há ruas asfaltadas e ruas de paralelepípedos onde permanecem os trilhos dos desaparecidos bondes. O tempo os irá desgastando. Lúcio confessa mentalmente sua ignorância da cidade, da sua história, sua gente, seus costumes”, revela. Em outra parte: “O Recife, como certas cidades, não se entrega à primeira vista. Seu encanto está oculto e talvez por isto se torne mais penetrante quando encontrado”, conceitua, compactuando da tese freyriana de que o Recife é uma cidade para ser descoberta, redescoberta em seus mistérios, em suas ruas obscuras, em seu ethos conservador.

O RITMO DA CIDADE

Os anos 1960 no Recife foram marcados pela força dos movimentos católicos, políticos e artísticos. O próprio campo no qual Carella vai se disseminar mostra a construção de sua autonomia e autoridade. O teatro, nessa década, atinge sua maturidade como instituição artística, o que é comprovado pela própria criação de um curso universitário voltado ao seu ensinamento. Sobre a década de 1960, falamos demasiado das revoluções ideológicas. Mas esquecemos as tecnológicas. O fato é que nessa época também estamos no fim dos bondes elétricos, que começaram a ser substituídos pelos pesados *trolebus*. Apenas 60 frotas percorriam os trechos mais movimentados da cidade, o que lhe garantia, ainda, a possibilidade da movimentação e do ato da *flânerie*. Túlio circulou pela cidade em transformação, em seu anonimato arbitrário.

Anonimato e condição estrangeira lhe permitiam críticas pontuais à modernidade local. Ao ser apresentado ao Teatro de Santa Isabel, não contém o comentário que, para o recifense, deve soar como ofensa. “O automóvel para diante de um teatro: é o Santa Isabel.

Mostram-no com orgulho pueril e conservador. Para uma cidade de província é um luxo. O Santa Isabel tem uma falsa atmosfera senhorial, uma imitação de luxo. Somente o edifício é equilibrado, com o pórtico neoclássico, o saguão lajeado de branco e preto, e a altura elegante”.

Aqui não era reconhecido como autoridade. Podia se misturar à experiência social. Perder-se na cidade. Perder-se não somente na experiência coletiva, em meio à multidão subnutrida. Mas perder-se também no próprio meio intelectual.

Não demorou, porém, para perceber que os olhares constantes lançados a ele nas pontes do Recife tinham a ver com o modo particular de se vestir. Era um estrangeiro. E como um explorador medieval repleto de espelhos e colares, foi conveniente aos negros, mulatos e mestiços, que negociaram seu membro enrijecido por uma camisa nova, um maço de cigarro ou alguns trocados para comprar uma bebida. Negros, mulatos e mestiços que, embora sejam ressaltados por suas características biológicas positivas, eram pobres, miseráveis ou apenas alpinistas sociais por uma questão de sobrevivência.

Naturalmente, não podemos reduzir a sedução homerótica relatada no livro apenas à dialética social de dominantes e dominados. Obviamente, há o prazer. E como todo assunto ligado ao prazer, é um tabu. O prazer dos mulatos em *Orgia* é, porém, sempre reticente. Na maioria das vezes, demonstram-se receosos, dizem que aquela foi a primeira penetração de suas vidas. Preferem ser visto como dominantes. A questão *masters and servants* é substituída por dominantes (os civilizados, polidos, que encaminham a sedução) e dominados (os que se subjugam a ela).

Nesse sentido, a localização de Túlio no Recife é estratégica. Morando numa pensão da Sete de Setembro, fazia trajetos específicos que, coincidentemente ou não, levaram-no aos becos, às vielas e aos guetos, onde até hoje o ato de se exhibir homoeroticamente é tradição. Conde da Boa Vista, Cinema São Luiz, Duque de Caxias, Cais de Santa Rita. A cidade é comércio até às 18h. Convive-se com a gritaria e o azudeme das frutas que se mis-

turam à maresia e ao odor de urina das calçadas. Ainda hoje, os mesmos locais funcionam como gueto. Com a pressa do dia, é difícil olhar para os lados e observar o cortejo sensual que se segue enquanto a cidade vive seu cotidiano. Talvez os anos 1960 foram o marco inicial da derrocada da cidade como experiência sensorial estética, dentro dos parâmetros modernos de apreensão e percepção das trocas urbanas permitidas pela *flânerie*. Talvez os que estejam inseridos no gueto percebam que um olhar a mais numa ponte, às 17h da tarde, é um código de liberação e permissão.

Por outro lado, as intervenções conceituais do autor sobre a cidade nos revelam algo incomodo. “Cidade pequena, inferno grande. Pois bem: este é inferno, onde todos se veem a cada instante, conhecem-se a fundo e não podem libertar-se”, escreveu Carella, sobre o ato do mexerico. Inevitável na cidade, a fofoca, ou, para falarmos sociologicamente, o ato de vigiar e punir, lhe incomoda. Frustra-se com a possibilidade de passar incólume à nova cidade. De um canto ou de outro, ecoam-se os sacarmos, as ironias e os desafetos.

Outro dado interessante. A elite intelectual e artística sempre se valeu de diários e correspondências de suas impressões europeias, que contribuíram para a própria identidade da cidade a partir do contato com a experiência moderna por excelência. Nesse caso, temos a inversão. O Recife e sua intelectualidade são analisados através de um relato descritivo que desloca o protagonista recorrente em tais gêneros narrativos. Ao vivenciar o Recife, e sua marginalidade, Carella nos coloca diante de anônimos. Mas, não se iluda, estes anônimos, mulatos, pedintes ou fofoqueiros, personagens secundários da cidade, também são idealizados.

Orgia é um relato minucioso do homoerotismo, mas é também a descrição da vivência cidadina, com seus sinais, com seus indícios, com sua regionalidade. Sedutor, mas melancólico, e por vezes sufocante como a cidade do Recife. Ontem e hoje.

Carolina Leão é doutora em Sociologia.

ESPECIAL

Memórias de ruas asfaltadas pelo “prazer”

Apesar da polêmica, *Orgia* merece ser lido também pelos seus trunfos literários

Anco Márcio Tenório Vieira

Orgia, do escritor argentino Túlio Carella, que teve sua primeira edição, no Brasil, em 1968, em tradução de Hermilo Borba Filho, fala de um personagem – Lúcio Ginarte, poeta e dramaturgo –, residente na então mais importante cidade da América Latina – Buenos Aires –, que recebe, em 1960, um convite da Universidade Federal de Pernambuco para ser professor de um recém-fundado curso de teatro. Na passagem entre uma cidade e outra, o personagem conhece uma nova paisagem econômica, social e cultural. Não só: ele descobre prazeres afetivo-sexuais distintos da sua orientação sexual. Entre o deslocamento geo-sócio-cultural e a descoberta da nova orientação sexual, subsiste a memória. Memória da Buenos Aires que ficou para trás (suas ruas, seus monumentos, os amigos, os familiares e a vida cultural), memória do que vai sendo vivido no presente. É na confecção de um diário que ele guarda os feitos e os fatos dessa memória recente, do presente que vai se plasmando ante os seus sentidos. Como diz o narrador do romance, “Lúcio Ginarte despeja em seus cadernos parte de suas experiências. São tão abundantes que não é possível anotar todas. Receia que a seleção não corresponda ao melhor, mas acha que seja a mais próxima dele. Sem perceber suprime os escrúpulos morais para obter a felicidade”. Finda a experiência de professor e o seu retorno para Buenos Aires, resta o diário – matéria-prima para a confecção de um futuro romance. A capital da Argentina já não é a mesma que ele deixara. Não porque esta sofrera alguma brusca transformação, mas porque o protagonista da história já não é o mesmo. Uma cidade se inventa pelo olhar de quem a observa, e o seu olhar sobre a natureza humana fora alargado: seja culturalmente, seja afetivo-sexualmente. A cidade que deixara para trás também já não é a cidade que vivera e que inventara a partir do que vira, ouvira, tocara e fora tocado, mas a cidade registrada nos diários. Entre duas realidades eternizadas – Buenos Aires e Recife –, restou o recurso da imaginação: o construir e o reconstruir dos espaços sócio-culturais, o construir e o reconstruir da sua afetividade sexual.

Toda narrativa é uma tentativa de presentificar os fatos retidos pela memória, uma tentativa de dar sentido ao que vimos e guardamos na memória. Não se narra o instante presente, narra-se o que já aconteceu. O instante presente é passível apenas de descrição – aquilo a que se refere –, não de narração – quando nos referimos a um fato e, ao mesmo tempo, o interpretamos. Esta observação faz-se necessária porque *Orgia* é um romance que se estrutura entre dois tipos de registros: o da memória e o do diário. A primeira narrativa – a da memória – tem o foco narrativo na terceira pessoa; a segunda narrativa – a do diário – se dá na primeira pessoa, e acolhe o que Lúcio Ginarte reteve ou considera relevante de ser registrado dos fatos do dia.

É pelo modo narrativo na terceira pessoa que se inicia o romance de Túlio Carella. Por meio deste narrador conhecemos as dúvidas de Lúcio Ginarte em aceitar o convite para lecionar no Recife (recorrendo, inclusive, a uma vidente), os seus primeiros contatos com a cidade (as pessoas, o clima, seus odores, seus olhares) e a sua vida intelectual. O foco narrativo muda quando o narrador inscreve passagens do diário de Lúcio Ginarte. Assim, o romance se constrói interpolando dois olhares: o do narrador, que tenta ver os fatos com olhar distanciado e crítico, e o do personagem, que registra suas impressões da cidade. A narrativa na terceira pessoa é toda em itálico, reforçando a ideia de distanciamento (afinal, o aspear e o itálico em um texto denotam a referência a um enunciado proferido por outrem, que podemos ou não aceitar); a do diário, em letra corrente. Assinale-se, porém, que ao inserir passagens do diário do protagonista em sua narrativa, o narrador redimensiona o sentido que o autor do diário quis dar a sua narrativa, já que essas passagens estão enfeixadas pelo seu texto. Assim, se toda narrativa refere e interpreta ao mesmo tempo, o narrador de *Orgia* tanto se refere ao diário, citando-o, quanto o interpreta: seja ao escolher os trechos que devem ilustrar a sua narrativa, seja ao inserir esses excertos nas passagens que ele considera adequadas. É sempre interessante comparar as passagens do diário de Lúcio Ginarte que estão em *Orgia* e que, posteriormente, foram também



citadas por Hermilo Borba Filho em seu romance *Deus no pasto* (1972). Elas mudam completamente de sentido, já que o texto que as precede e o que as sucede redimensionam as informações contidas no diário. O diário em *Orgia* torna-se uma espécie de memória da memória. Memória primeira quando do registro de Lúcio Ginarte; memória segunda ao ser inserida em uma narrativa secundária. Dessa forma, o diário alarga o próprio olhar do narrador onisciente. É como se o diário de Ginarte encerrassem um mundo ou um olhar sobre o mundo que o próprio narrador, apesar da sua onisciência, não pudesse penetrar em sua plenitude.

Assim, é por meio da interpolação narrativa, pela tentativa de presentificar fatos que são agora apenas matéria da memória, que *Orgia* se organiza formalmente. Sabemos que o autor dessa obra era de fato argentino, dramaturgo, poeta e crítico literário; sabemos que ele viera ao Recife para ensinar no seu curso de teatro e que nesta cidade viveu uma experiência densa e única; assim como sabemos que ele foi confundido pela polícia com um agente cubano e, depois de preso, espancado e destituído da Universidade, expulso do Brasil. *Orgia* poderia ser apenas o registro desses eventos. Ou melhor, poderia ser apenas a publicação dos diários que ele – Túlio Carella – escrevera durante a sua estada no Recife, entre os anos de 1960 e 1962. No entanto, ele precisava entender melhor o que de fato acontecera consigo. De volta a Buenos Aires, distanciado do seu objeto, ele constrói um narrador na terceira pessoa que é o psicanalista. Mais do que um narrador que se refere ao passado, é um

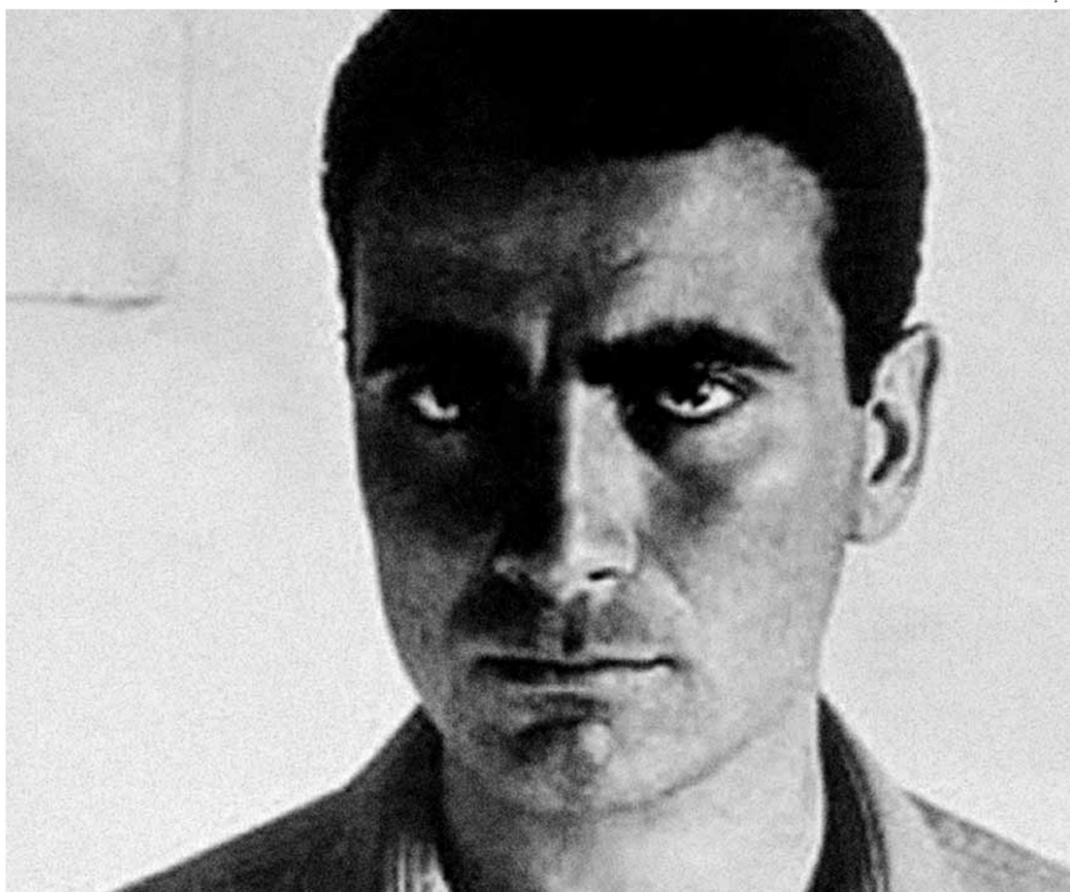
RICARDO MOURA



DIVULGAÇÃO

narrador que tenta dar sentido ao que ele vivera. Ele deixa de ser Túlio Carella para ser Lúcio Ginarte; atribui os diários que escrevera a este personagem de papel, e constrói um narrador que narra e interpreta a sua própria experiência. Afinal, tudo agora era apenas memória: tanto a cidade quanto os diários que registraram o seu tempo no Recife. Ao transformar as suas memórias em matéria de um romance, Túlio Carella pode alargar o mundo que viu e viveu em terras distantes, safar-se do julgamento dicotômico entre verdade/mentira, e mostrar que tanto a memória quanto a arte são realidades etéreas.

Por fim, faz-se necessário observar que é nesse jogo de interpolação entre narrativas na primeira e na terceira pessoa que podemos observar as transformações que o personagem Lúcio Ginarte irá passar durante a sua estada no Recife. Cada vez mais, ao longo do romance, o narrador na terceira pessoa vai cedendo espaço ao narrador do diário. Ao ver que o seu personagem, pouco a pouco, suprime “os escrúpulos morais para obter a felicidade”, o narrador cede a palavra ao próprio Lúcio Ginarte; seus comentários vão ficando dispensáveis. Não há mais necessidade que ele, o narrador na primeira pessoa, psicanálise o seu personagem. Este, agora, a partir das narrativas fixadas no diário, refere e interpreta a si mesmo. Dessa forma, *Orgia* pode ser classificado como um romance de formação.



Anco Marcio Tenório Vieira é professor do Departamento de Letras da UFPE.

Carella vivenciou o submundo do Recife do começo dos anos 1960

História, arquitetura, memórias e literatura em livros de qualidade



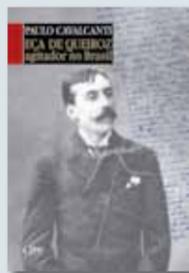
Assine.

Revista Continente.

Conteúdo é tudo.

0800 081 1201

e-mail assinaturas@revistacontinente.com.br



EÇA DE QUEIROZ - AGITADOR NO BRASIL
Paulo Cavalcanti
(edição em inglês e português)

Eça de Queiroz - agitador no Brasil, de Paulo Cavalcanti, é um livro que amplia a visão da última revolta em Goiana, província de Pernambuco, Brasil, ao examinar a maneira como os pernambucanos reagiram contra o arbítrio e o domínio português.

R\$ 30,00



O GIRASSOL
Paulo Cavalcanti

Garibaldi Otávio estreia na literatura com o livro *O girassol*, coletânea de textos de toda uma vida. Mauro Mota observava, já em 1950, que a poesia de Garibaldi Otávio tem "a imagística sem parentesco, o descritivo mais penetrante, tirando sangue do íntimo das coisas".

R\$ 40,00



ESTÃO TODOS DORMINDO
Edson Nery da Fonseca

Estão todos dormindo é uma coletânea de perfis de personalidades marcantes da cultura brasileira, na qual Edson Nery da Fonseca mescla informações precisas, citações literárias e testemunho pessoal, numa prosa límpida, elegante e envolvente, que transforma o leitor em cúmplice do que narra.

R\$ 30,00



DE RUAS E INTI-NERÁRIOS
Alexandre Furtado

Alexandre Furtado revela que, apesar de jovem, cultiva grande nostalgia de um Recife que não chegou a conhecer, como a época dos bondes e trilhos, ou cujas referências de arquitetura e lugares que conheceu na adolescência, já se perderam.

R\$ 40,00



NAS SOLIDÕES VASTAS E ASSUSTADORAS
Kalina Vanderlei

A historiadora Kalina Vanderlei descreve como surgiu o Sertão, enquanto espaço sociocultural, enfatizando os personagens que participaram dessa conquista, pessoas pobres e criminosos recrutados pela Coroa portuguesa para combater os indígenas que habitavam a região.

R\$ 30,00



UM DIPLOMATA E POLÍTICO DO IMPÉRIO
Fernando da Cruz Gouvêa

Fernando da Cruz Gouvêa apresenta o conselheiro Sérgio Teixeira de Macedo, presidente da província de Pernambuco, que participou de episódios relevantes do Império, defendendo a liberdade de imprensa, os direitos dos cidadãos e o combate ao tráfico negreiro.

R\$ 30,00



ESCRITORES PERNAMBUCANOS DO SÉCULO XX
Luzilá Gonçalves Ferreira

Apresenta um resumo da vida e obra de escritores fundamentais na formação da memória cultural de Pernambuco, dos mais conhecidos, como Frei Caneca, a outros quase ignorados, como Antonio Torres Bandeira, que escreveu poemas de inspiração religiosa e homenagem à vultos heróicos.

R\$ 30,00 (cada)



JARDINS DO RECIFE
Aline de Figueirôa Silva

A arquiteta Aline de Figueirôa Silva detalha o surgimento do paisagismo no Brasil, a partir de Burle Marx, e aborda os jardins recifenses do ponto de vista do paisagismo, da arquitetura e do urbanismo, contextualizando-os política e socialmente.

R\$ 35,00



A INTOCÁVEL BELEZA DO FOGO
Geraldino Brasil

Poeta apaixonado pela poesia, humilde, raro e especial, Geraldino Brasil faleceu em 1996, deixando uma vasta produção inédita. Nesta obra, a Cepe Editora o apresenta às novas gerações, publicando 90 poemas, parte dos quais escritos no formato de sextinas.

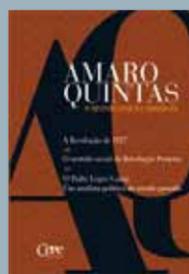
R\$ 35,00



POEMAS
Padre Daniel

Há meio século o Padre Daniel produz uma poesia de qualidade singular, mas que zelosamente subtraía ao olhar do grande público. Agora seus amigos venceram sua resistência em publicar o seu trabalho e juntaram quatro de seus livros inéditos neste magnífico volume.

R\$ 45,00



AMARO QUINTAS
Fátima Quintas

O volume reúne as obras *A Revolução de 1817*, *O sentido social da Revolução Praieira* e *O padre Lopes Gama* político, que espelham um trabalho em boa parte voltado para os movimentos libertários brasileiros, fazendo de Amaro Quintas pleno merecedor do título de O Historiador da Liberdade.

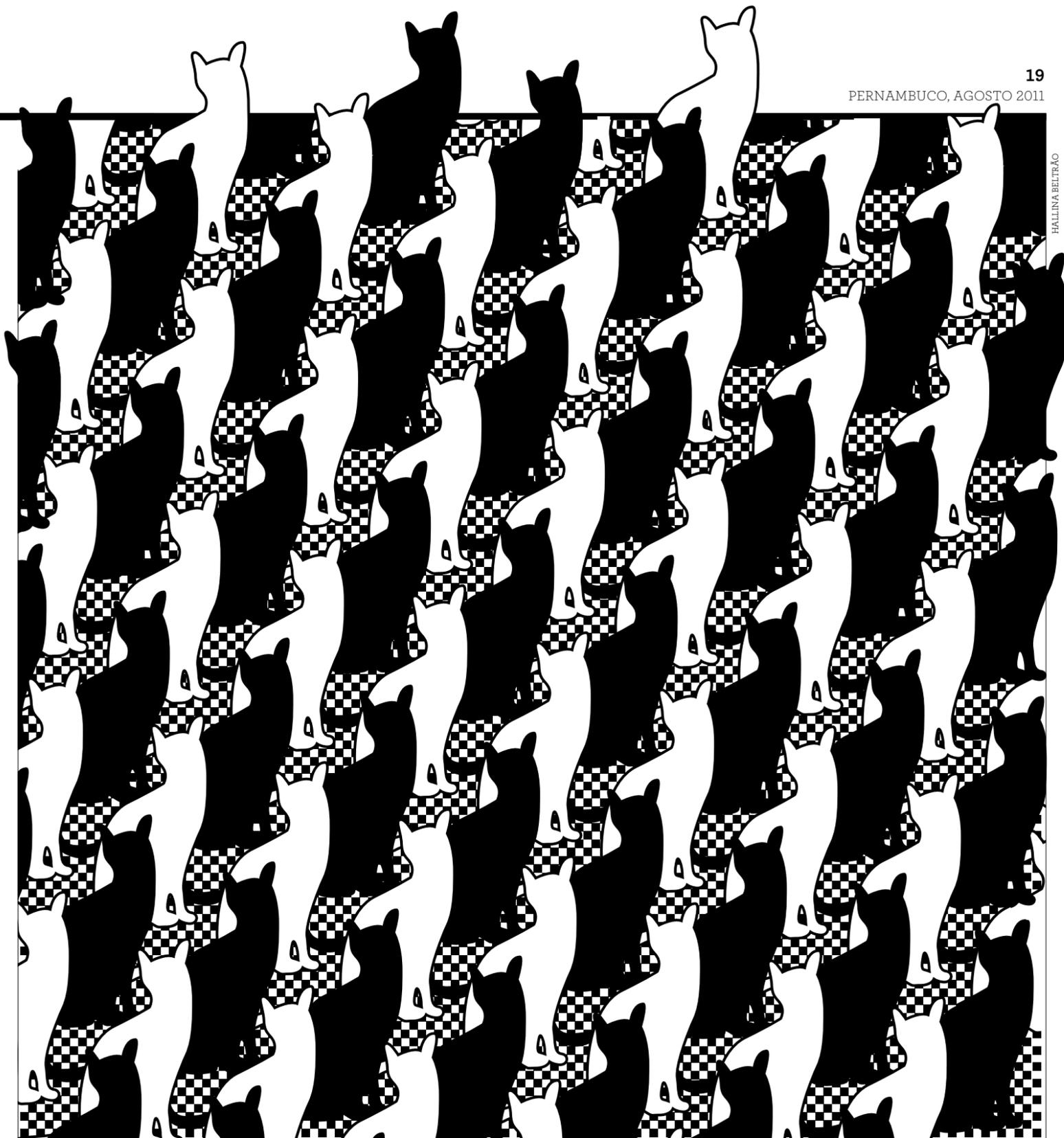
R\$ 36,00

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br

INÉDITOS

Micheline Verunschck



Positivo. Negativo.

Três e trinta da manhã. O sono, um sonho distante. Meu corpo estendido no sofá e Jeanne Moreau falando sobre a maldição da beleza absoluta. Em frente à porta do quarto percebo a gata branca. Ela me olha. Tem a cabeça pequena e olhos muito grandes, que parecem tristes na composição geral do conjunto. Talvez seus olhos sejam do tamanho normal e o fato de a cabeça ser pequena é que dá a impressão de que eles são maiores e melancólicos. No banheiro dos fundos, outra gata, a preta, mia. Está presa. Vai passar alguns dias aqui e não se deu bem com a gata branca. Um amigo viajou e pediu que a abrigasse por um tempo. Tem água, comida, uma almofada e uma caixa de areia no cubículo. Mas creio que não está confortável pois, sempre que lembro dela, penso no gato emparedado de Poe e quase chego a escutar o pequeno coração retumbando pelas paredes do apartamento. A gata branca continua a me olhar e Jeanne Moreau some no chuveiro azulado do aparelho de TV que perdeu o contato com um satélite muito longe daqui.

Conto de 1 a 120 e de 120 a 1, vezes repetidas. Costumo fazer contagens, listas, jogos mentais e um variado repertório de brinquedos intelectuais que inventei ao longo dos anos para noites como esta. Teriam a função hipotética de restaurar o sono perdido, mas sempre me despertam mais. Minha cabeça costuma ser uma boa companhia para as noites de insônia. Solidária, ela parece não desligar nunca. No entanto, não consigo escrever. Há alguns anos era diferente. A insônia não era um baque às três e trinta da madrugada. Era uma continuidade. Acordava às seis e ia dormir às duas, três, por vezes quatro da manhã. Assim, era fácil ser produtivo. Era fácil escrever um livro, trezentas vidas. Porém, hoje a insônia

se configura de outra forma. Deito cedo, sinto sono. A noite parece perfeita. Às três e trinta, um pouco mais, um pouco menos, tudo se quebra, um copo partido entre os dedos.

Jeanne Moreau retorna e é uma velha de suéter vermelho e colar de pérolas a falar sobre a maldição da beleza absoluta. As atrizes da *Nouvelle Vague* não envelhecem e essa senhora de ar requintado certamente não é Jeanne Moreau. Acreditar nisso é uma verdade estabelecida para mim essa noite. As atrizes da *Nouvelle Vague* existem apenas em preto e branco, como as duas gatas, a que me espiona, a que me denuncia. A TV, novamente sem sinal. Quantos nomes estapafúrdios de homens posso enumerar de A a Z?

Em noites como essa perco totalmente a fé em mim, na capacidade de ser algo ou alguém para além da insônia. Se esvaem todas as vontades. De ser um grande jornalista, amante, cineasta, escritor. As palavras com as quais lido nas noites de insônia são, sem sombra de dúvida, patéticas. Elas giram como móveis e me encantam por horas, mas se esgota aí toda a capacidade que possam ter de beleza. Claro, algumas delas cantam e pedem um conto ou um poema, mas a letargia e estupidez que de mim se apoderam não me movem ou comovem. Em noites de insônia, vivo em estado de vírgulas ininterruptas. Vírgulas negras sobre papel branco, não mais.

Jeanne Moreau volta mais uma vez, mas me desprendi dela. Ao menos momentaneamente. Preciso ver se a gata preta está bem. Não acho os meus chinelos e sei que quando passar da sala à cozinha, o chão estará gelado. Deveria procurar os chinelos antes e evitar o desconforto. Mas o coração da gata preta me chama. Ele bate alto, go-

teja sangue. Meus pés doem um pouco ao contato do chão da cozinha, mas logo se acostumam. O piso parece um tabuleiro de xadrez. Meus pés, dois peões. Abro a porta do banheiro, entro e a gata se enrosca nas minhas pernas. Fecho a porta e sento na privada. Dez minutos de afago e meu coração dividido como um bife de fígado.

Cansei de Jeanne Moreau. Poderia agora dançar um pouco, ou ler e-mails, ou pintar o apartamento inteiro. Poderia chorar e, quem sabe, dormir soluçando. A gata esfrega seu queixo contra o meu. Poderia fazer uma caminhada e aproveitar para recomeçar a fumar. Ou bater uma punheta pensando nas atrizes da *Nouvelle Vague*. Ou nos atores. Poderia escrever uma obra-prima, ou ler uma das tantas que não li, mas só consigo pensar na metragem do celeiro onde eu empilharia os 400 corpos do sono que não vem. A TV não sai do ar há quinze minutos. Acho que agora segura. Mas os créditos brancos sobre fundo negro levam Jeanne Moreau de mim. Zapeio. Uma luta. Um programa de culinária. Um seriado policial. Um culto evangélico. Leilão de gado. Uma luta. Um programa de culinária. Um seriado policial. Um culto evangélico. Leilão de gado.

A gata branca se encostou numa almofada. Vai dormir. A gata preta silenciou. Deve estar dormindo também. Três canais em manutenção. Muitos desenhos animados. O noticiário 24 horas avisa que o dia parcialmente nublado promete pancadas de chuva. Oito horas manhã. Vou deitar e só aí percebo que meu olho esquerdo não enxerga nada. Visão parcialmente nublada. Desabo e sei que sonharei com pequenos monstros incendiários e com Jeanne Moreau pelas próximas duas horas. Não mais que isso.

SOBRE A AUTORA

Micheline Verunschck é autora de *Geografia íntima do deserto* e *Cartografia da noite*

INÉDITOS

Marcos Visnadi



Flan náufrago

Aniversário da mãe. O menino fuça o armário e vai fazer um flan de caixinha com calda imita ameixas. Come o flan pedaço no meio da colher banhada em calda, um naufrágio. A mãe é diabética, o menino suja a louça, não lava, mas é um amor que está ali derretido no açúcar caçoa do medo da morte / e ela come. O planeta é que anda a dar voltas em torno do Sol como se nada fosse doce a gente toma garapa imaginando a Via Láctea expandida além dela o espaço infinito de silêncio eterno talvez vikings astrais cometas macios de brigadeiro tudo o que é possível, até um flan de aniversário. Que as nossas cáries tenham a ver com a cultura caneeira implantada pelos portugueses e os trabalhadores rurais de hoje remontem a cinco séculos de trabalho escravo é coisa que implica na doçura, e de modo algum podemos isentar as corporações alimentícias do efeito que gradativamente essas delícias simuladas terão sobre o nosso prazo. / O menino leu a receita no verso da caixa piscando a cada palavra. Ali dentro, em forma de futuro, estava um mistério.

Materno

O efeito da maternidade seria esse: dedicar-se sem sentido. Eu vou te dar cama e comida, eu vou te dar meu colo e calor. O bicho rastejava manco dolorido acertado a pau as ancas quebradas e a criança abraçava-o com os olhos, sorria prevendo a bondade e se dizia: meu bem meu bem. Mas agora lhe vêm as imagens num dia que amanhece: foi sua própria fúria, convertida em mãos, a acertar os quadris do gato com um cabo de vassoura.

O bicho mia fraco, esganiçado. A criança vem-lhe de chorar. Eu não quero nunca mais sentir vergonha. Olha para os lados, o matagal avança semisseco na lonjura, aqui só tem eu e essa metade de gato. E o cabo de vassoura sujo de sangue ali mais adiante. Desculpa, desculpa! O olhar do gato não toca em nada, nem em mim. A criança larga-se aos soluços diante do gato que agora só geme baixinho, para si. Perder um filho vai contra a ordem natural das coisas. Ela começa a puxar seus cabelos e esmurrar-se no rosto, grita de tristeza.

Se não voltar pra casa esta noite estará deitada ao relento, fingindo desconsolo, dormindo na dor de perder o filho que não teve.

SOBRE O AUTOR

Marcos Visnadi é escritor e esses são trechos do seu primeiro livro, *Atlas*, que deve ser publicado este ano

HALLINA BELTRÃO



(e agora mais uma sobre a infância)

O avô levava o menino para cortar cabelo na associação dos aposentados e por isso não poderia ser domingo, já que no domingo se descansa. Mas o dia estava sim com uma moleza missal, de quando se sai do culto próximo ao meio-dia e se passou três horas acumulado em gentes a dizer de Deus, as juntas do corpo carecem de almoço e as pessoas se abraçam, até domingo que vem. “Pode rapar tudo, fazer corte militar. Assim dura mais.” Precitava pôr duas almofadas e um toco na cadeira para que o menino ficasse a uma altura razoável, de olhos quietos e medrosos, assistindo à decisão que os adultos tomavam sobre sua cabeça. O avô se vira para ele e diz “Eu preciso ir no centro da cidade comprar remédio. Você me espera aqui” e depois ao barbeiro “Não vou demorar, Valter. Você cuida dele?” e o Valter responde: “Pode deixar, João” e o avô se foi. Esse Valter era um homem gordo e sorridente e velho. “Nossa, como você tá grande” ele diz ao menino, “eu conheço você desde que você era desse tamanho” e contrapõe as palmas das mãos, deixando entre elas um vazão. “Seu avô sempre te trouxe aqui, você lembra?”. O menino, que ainda não sabe o tamanho que tem, fica confuso e tenta agradar:

“Lembro”.

A máquina ligada tolhe os cabelos e no couro da cabeça uma sensação de unhas finas e rudes fazendo carícia, todas juntas na mesma direção. “É, seu avô trazia você aqui no colo. Mas agora já não dá mais pra te carregar no colo, hein”. Dentro do copo, o pincel soca uma espuma cada vez mais branca que vai se avolumando e se avoluma até transbordar. “Agora você é quase homem feito, só falta ter barba na cara!”. A espuma gelada na nuca arrepiava. O menino, que se segurava pra não rir de nervoso, agora desata uma gargalhada miúda, em sussurro. “Faz cosquinha, faz?” “Faz...” E os dedos do homem como aranhas escalam as ancas do menino chegam aos sovacos mordem o pescoço o menino se contorcendo na cadeira de tanta cosquinha “para! para! para!” e ri pulmões afora, sem lugar para vaidade. O velho se recompõe, divertido a respirar de boca aberta, e o menino sorrindo olha pra ele pelo espelho, sem cumplicidade. A lâmina, por fim, arranca a espuma do pescocinho. “É, você tem muito cabelo, só falta ter barba na cara”. E, como a descobrir um segredo, ele se dirige aos olhinhos limpos do espelho – “Será que não tem?”. O menino fecha os olhos para se esconder. Da visão dos dedos grossos do homem varrendo-lhe o rosto em carícia, de uma orelha à outra o caminho

da barba futura, detidos com mais atenção na pele fina dos lábios entreabertos, agora um dedo na gengiva, agora o rosto livre de contato e o homem agachado à sua frente pra brincar: “Vamos fazer a barba?”. O menino sorri. A espuma se espalha na pele sem pelos; cuidadosa, a lâmina lava do rosto o limite branco. “Pronto!”, diz o velho, de voz cheia, as mãos apoiadas nos ombros do menino com os polegares a afagarem-lhe os lóbulos das orelhas. “Pronto!”, como quem fez o almoço e lavou a louça. “Ficou bom?”. O menino assente com a cabeça. E logo as mãos se tornam aranhas de novo, arrancando risos da criança, mordem-lhe o pescoço, descem pelos sovacos até as ancas, o menino se contorce na cadeira e as aranhas lhe agarram uma de cada lado por dentro do elástico uma levanta-o pelo pipi e a outra se esconde num lugar que ele nunca havia tocado, como um macaquinho ele se agarra no braço grosso do barbeiro, para não cair, e depois ganha um chiclete. Agora o menino volta para a luz dominical. Pelas mãos do avô, ele percorre o corredor escuro e úmido da associação de aposentados, passa por salas em que velhos jogam damas e, quando chega à calçada, a claridade é tão forte que ele precisa fechar os olhos bem fechados. E ainda assim, no esconderijo vermelho das pálpebras, persistem estrelas escuras.

RESENHAS

KARINA FREITAS



O “buraco de Alice” que são todas as fotos

Coletânea com contos e ensaios discute as narrativas e fantasias que encerram as fotografias

Schneider Carpegiani

Talvez uma coisa não tenha a ver com a outra, mas achei honesto começar com a seguinte confissão: não sei fotografar, nem tenho o mínimo grau de intimidade com a câmera, mas um dos meus livros favoritos é *Sobre a fotografia*, de Susan Sontag. Para além de qualquer reminiscência sobre técnica, a crítica norte-americana nos ensina a ver, ou melhor “a ver através” – e cada um de vocês que escolha o que implica esse “através”. “Fotografar é se apropriar da coisa fotografada”, diz uma das frases mais famosas do ensaio. O simples ato de olhar também é se apropriar de um objeto. Quem observa, lança um comentário.

A crítica trata a fotografia como uma espécie de fantasma, um espectro que potencializaria todos os nossos medos e desejos. “Toda fotografia é um *memento mori*. Uma chance de participar da mortalidade de alguém”, atesta Susan, outra vez certa. Para

quem também entende a fotografia para além da técnica, acaba de ser lançado *Por trás daquela foto*, em que autores problematizam ideias e histórias a partir de suas fotografias favoritas. Com organização de Lilia Moritz Schwarcz e de Thyago Nogueira, traz textos de nomes como Humberto Werneck, Pedro Vasquez, Moacyr Scliar e Nina Horta. Todos reunidos na tarefa de responder a uma só pergunta: quantas histórias guarda uma imagem?

O ponto de partida dos organizadores lembra a razão do meu afeto por *Sobre a fotografia*: “A fotografia é como o buraco ou o espelho de Alice: a porta de um mundo de um mundo de maravilhas a um só tempo estranhas e familiares, visíveis e imprevisíveis. Quando erguida entre os dedos, pode dar a impressão de ser apenas uma fatia congelada da realidade”.

Apesar da irregularidade dos textos, a coletânea é uma boa prova de que

qualquer fotografia encerra dentro de si um sem-número de narrativas – tal e qual um texto literário, em que uma narrativa seria capaz de abrigar “todas as narrativas do mundo”, como já sonhou Roland Barthes.

Talvez o texto que melhor represente a ideia que *Por trás daquela foto* defende é o ensaio do crítico e escritor Arthur Nestrovski para uma imagem de Pierre Verger. Nestrovski parte da sua perplexidade diante de uma cena do Carnaval baiano dos anos 1943 e discute um tema – aparentemente – tão distante quanto Barack Obama.

O texto começa com aquele exercício tão comum, que é o de imaginar uma narrativa, alguma ação, onde “só” se avista imagem: “a moça, tão linda, de vestido branco e turbante, um colar também branco no pescoço, olhando pra frente com um sorriso que ainda não abriu. Todos, na verdade, estão de boca

fechada. Ou estamos num intervalo instrumental, antes da volta do samba cantado.” Talvez a descrição de Nestrovski esteja bem longe daquilo que Verger, de fato, “viu” ao flagrar esse grupo de carnavalescos. Mas tanto faz. De Verdades, com maiúsculas, nunca foram feitas as fotos (tal e qual Susan já havia nos ensinado) ou as melhores narrativas.



ENSAIOS

Por trás daquela foto

Autora – Vários autores

Editora – Companhia das Letras

Preço – R\$ 39

Páginas – 184

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

CRÍTICA

Um debate sobre crítica de cinema marca a nova temporada do Projeto Laboratório

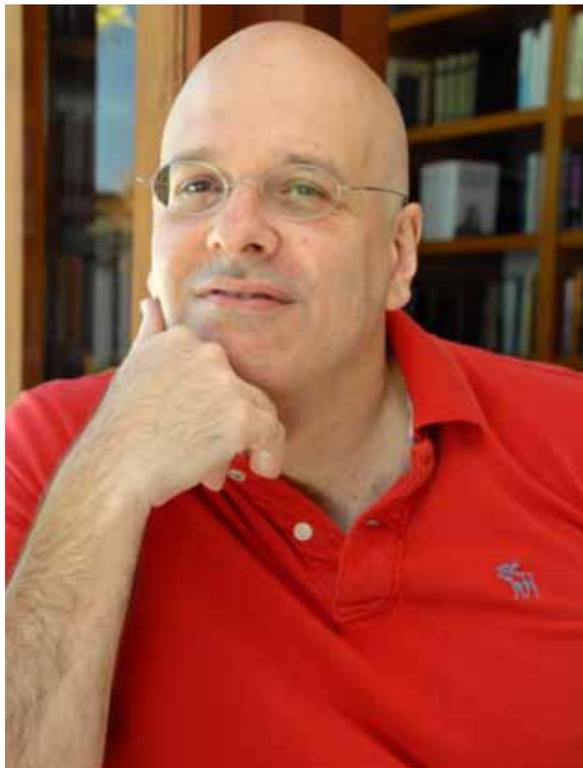
O Projeto Laboratório (foto), *talk-show* sobre crítica que agitou o cenário literário do Recife, no ano passado, volta cheio de novidades: a nova temporada, a partir de agosto, amplia a discussão para outras linguagens, começando com crítica de cinema; vai ser lançada a *Revista Laboratório*, reunindo a crítica produzida nos seis meses da temporada anterior, quando cada

sessão reuniu cerca de 100 pessoas no Teatro Hermilo e resultou num programa na TV Pernambuco; por fim, o projeto registra um avanço na inclusão: todas as reuniões vão contar com um tradutor de Libras, a Linguagem Brasileira de Sinais, para que as pessoas portadoras de deficiência auditiva também possam acompanhar os debates.

DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO



Novo senhor do mistério

Para cada livro, Alberto Mussa “escolhe” um novo universo, uma outra linguagem. É como se, a cada lançamento, estivéssemos diante de um escritor completamente novo. A “instabilidade” é seu estilo. No romance *O senhor do lado esquerdo*, transforma-se num autor *noir* e defende uma espécie de tese: a de que não é a geografia, não é arquitetura, não são os heróis nem as batalhas, muito menos a crônica de costumes ou as imagens criadas pela fantasia dos poetas – “O que define uma cidade é a história dos seus crimes”, aponta. Ele não se refere, é claro, a crimes vulgares. “Falo dos crimes fundadores, dos crimes necessários; e que seriam inconcebíveis, que nunca poderiam ter existido a não ser na cidade a que

pertencem”. O romance nos leva ao Rio de Janeiro, na “infância da República”, quando um membro do alto escalão do governo é encontrado morto na cama de um prostíbulo de luxo. Uma obra de tirar o fôlego e de comprovar, de vez, o talento narrativo de Mussa. **(SC)**



ROMANCE

O senhor do lado esquerdo
Autor - Alberto Mussa
Editora - Record
Preço - R\$ 25
Páginas - 288

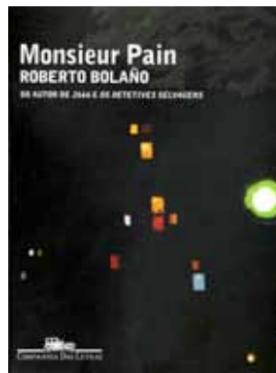
DIVULGAÇÃO



O Roberto Bolaño inicial

Há um bom tempo que boatos dão conta que a Companhia das Letras estaria para lançar o polêmico *La literatura nazi em América*. Escrito num estilo enciclopédico, o livro traz o chileno perfilando os expoentes de um gênero literário fantasioso – autores que, supostamente, teriam alguma ligação com Hitler. Seu tom politicamente incorreto, ao lado do humor peculiar de Roberto Bolaño, não fazem desse livro uma obra das mais palatáveis, porém é um título indispensável para quem deseja conhecer a fundo o pensamento iconoclasta do autor. Infelizmente, ainda vai demorar para os leitores brasileiros conhecerem *La literatura nazi*. A Cia. das Letras, após o irregular *O terceiro Reich*, vem agora com *Monsieur Pain*, estreia do escritor no romance numa obra fraca, de linguagem enrolada e com todos

os pecados típicos de quem ainda não está seguro de si e/ou do seu possível universo de obsessões. Ainda assim, é curioso ver Bolaño prestando uma explícita homenagem a uma das suas maiores influências, o norte-americano Edgar Allan Poe, o pai do romance policial. **(SC)**



ROMANCE

Monsieur Pain
Autor - Roberto Bolaño
Editora - Companhia das Letras
Preço - R\$ 34
Páginas - 140

PRATELEIRA

A TEATRALIDADE DO HUMANO

A obra analisa a capacidade humana de teatralizar, reinventar e representar múltiplos papéis, em vários campos de atuação. Reúne 50 textos de José Celso Martinez Correia, Denise Stoklos, Augusto Boal, Antônio Abujamra, João Falcão e outros criadores teatrais, relacionando o papel do teatro e das artes com a imagem a partir do século 20 e fornecendo um rico panorama da formação do povo brasileiro, com base nos espetáculos encenados nos centros urbanos. O registro foi pensado a partir do ciclo *A Teatralidade do Humano*, realizado durante 2006 e 2007 em São Paulo.



Autora: Ana Lúcia Pardo
(organizadora)
Editora: Edições Sesc-SP
Páginas: 481
Preço: R\$ 90

ALERTA DE TEMPESTADE

Com ilustrações do brasileiro Renato Alarcão, o livro é o nono e penúltimo da coleção americana *The 39 clues*, lançada para concorrer com o fenômeno *Harry Potter*. Traduzida para 25 idiomas, a coleção já tem filmagens previstas e uma continuação da saga da família Cahill, cuja história se desenrola por vários países, desde quando a matriarca, antes de morrer, lança um desafio aos herdeiros: receber uma fantástica herança ou participar de um jogo que os levará ao maior tesouro do mundo. A cada livro, novas pistas são encontradas e segredos são desvendados.



Autora: Linda Sue Parker
Editora: Ática
Páginas: 202
Preço: R\$ 33,90

O REI DO MUNDO

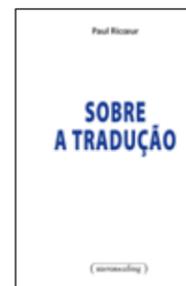
Mais do que uma biografia, ao mostrar a vida de Cassius Clay/Muhammad Ali, a obra de Remnick, lançada em edição de bolso, captura o espírito predominante na sociedade americana da época, cuja mentalidade se transformava a partir da ascensão política dos negros, de conflitos morais e do fortalecimento de organizações ligadas ao Islã e a Máfia. Definindo-se como “um novo tipo de negro”, Ali ajudou a mudar a política racial, a cultura popular e a noção americana de heroísmo, recusando-se a se enquadrar em estereótipos.



Autor: David Remnick
Editora: Companhia das Letras
Páginas: 400
Preço: R\$ 29,50

SOBRE A TRADUÇÃO

O autor aborda o desafio presente no trabalho da tradução, mostrando a estreita articulação entre traduzir e interpretar. Para Ricoeur, o tradutor deve analisar a diversidade das línguas, a possibilidade do diálogo intercultural, os recursos poéticos, a formação e a potencialidade da língua, para descobrir os recursos inexplorados na apresentação do pensamento. Além de um trabalho intelectual teórico/prático, a tradução inclui uma questão ética, segundo ele: promover o encontro entre leitor e autor sem trair suas características, acolhendo a diversidade e a pesquisa da língua.



Autor: Paul Ricoeur
Editora: Ufmg
Páginas: 71
Preço: R\$ 24

EXERCÍCIOS

Debate com convidados que inspiram admiração

Inspirados no livro *Exercícios de Admiração*, do filósofo romeno Cioran (1911-1995), que desenvolvia perfis de escritores e pensadores que admirava, Pedro Américo de Farias e Wilton de Souza promovem debates com convidados, na Poty Livraria, Rua do Riachuelo, às 19h. Já foram sabatinados a professora Renata Pimentel e os poetas Everardo Norões e Marco Polo. A próxima é a historiadora Kalina Vanderley, no dia 24.

LITERATURA NO SESC

Concurso nacional premia contos e romances inéditos

Além de promover o I Encontro Cultural de Produtores de Literatura, para discutir “A produção de eventos literários e a estruturação de políticas públicas para literatura”, o Sesc-PE lançou o Prêmio Sesc de Literatura no Recife. Promovido pelo Depto. Nacional da entidade, o objetivo é premiar contos e romances inéditos, de autores brasileiros ou estrangeiros residentes no Brasil. As inscrições vão até o dia 31.

LIVROCLIP

Site de livros está na lista dos que educam e divertem

Com base na pesquisa *Kids Expert*, encomendada pelo Cartoon Network, que apontou que dos 7 aos 18 anos gasta-se de 30 min. a 4 horas/dia conectados na internet, cinco educadoras brasileiras avaliaram uma lista de 44 sites educativos, que ampliam o universo cultural. Um dos recomendados para adolescentes é o www.livroclip.com.br, que disponibiliza uma ótima biblioteca digital.

CRÔNICA

Mauro Mota

HALLINA BELTRÃO



O “2 por 1”

Falam-me numa botica do Recife que estaria vendendo o pó que, segundo o rótulo, bota as pessoas em comunicação com os espíritos superiores.

Ninguém se espante, ninguém suponha que isso represente decadência comercial. Pelo contrário: representa o aperfeiçoamento. O da fraude, hoje em dia, procedimento de rotina, que alcança gêneros alimentícios, vestuário, medicamentos, muito do que precisamos para viver e até para morrer.

Um jornal do Rio noticiou fato curioso na seção policial: o pacto de morte entre um jovem casal. O rapaz escreveu a carta. A moça também assinou. Depois entraram num bar e derramaram formicida no copo de cerveja. Mas não espicharam as canelas românticas. O veneno era falsificado.

Ainda ontem, no meu bairro, houve a trapaça do sujeito anunciando “capão gordo”, rua a fora. A cozinheira examinou o bicho. Como quase todos me enchiam os garajaus, não passava de um galo senil, de crista e esporões aparados à gilete.

A população que se previna contra os vendedores de pechinchas. Dizem-se embarcações, em trânsito, falam enrolado e andam pelas portas oferecendo tecidos e perfumes estrangeiros, a preços de 1920. Chantagistas dessa espécie conhecemos logo. Podemos dar-lhes o fora e ameaçá-los de cadeia. E com os outros, o que podemos fazer? Cair em suas arapucas como dóceis passarinhos.

A polícia age, o Departamento de Saúde Pública também, mas os falsificadores têm mil artimanhas. Querem lucro fácil e imediato. Para conseguir, não vacilam em praticar as mais incríveis proezas. No Recife ainda, já foi descoberta a maroteira da manteiga misturada com vaselina e lubrificantes de automóvel. E a dos pacotes de café onde entravam milho, pó de serra e sangue de boi. Isso, o que foi descoberto oficialmente. E o que não foi? E o que não será nunca?

Quais as doze mais belas palavras da língua portuguesa?

Resposta de Teresa Rezende Braga, dona de casa: criança, amor, saudade, ternura, paz, infinito, eternidade, lágrimas, madrugada, esperança, mãe, amizade.

De Iracema Campina Rodrigues, datilógrafa: José, nascer, amor, saudade, paz, viver, amizade, ternura, carinho, Lisboa, madrugada.

O “criador” da Torre

Raimundo Carrero

Ainda adolescente de calça curta, e saindo do internato do Colégio Salesiano, conheci a poesia de Mauro Mota, na biblioteca do meu irmão Geraldo, no bairro da Torre, onde fui morar.

Havia ali pelo menos dois livros do poeta: *Os epítafios* e *Canto ao meio*. Uma novidade para mim pelo despojamento da linguagem e pelas temáticas. Assustado e divertido, lia-os quase sempre no fim de tarde, deitado na rede da varanda, naquele bucólico bairro da Torre, cenário de Mauro Mota. Era ainda um Recife suburbano da década de sessenta. Havia brisas da tarde tangidas pelos cabelos soltos, rápidos cabelos esvoaçantes pelo céu azul.

Foi porém com as *Elegias* que Mauro Mota marcou, definitivamente, a sua voz na literatura brasileira. *Elegias* continua imbatível ainda hoje, embora alguns críticos tenham cometido equívocos de registrar apenas o regionalismo da obra. Não se pode negar que ele registrou alguns instantes

da vida provinciana e dos subúrbios recifenses, mas com um vigor que nada tem de regionalista. Foi justamente esse aspecto da sua poesia que me marcou profundamente, junto com o trabalho literário de Manuel Bandeira. Muitas vezes surpreendi-me na biblioteca do meu irmão tentando imitá-los. Apesar do Mauro poeta ser o mais persistente em nossa lembrança, desde a juventude ele dedicou-se ao jornalismo. No *Diário de Pernambuco*, assinou uma coluna analisando os movimentos cultural e social recifense. Mauro não era um autor abertamente político, mas seu olhar e seu humor sobre a cidade podiam abrir portas para inúmeras interpretações. Nesse espaço, aproveitava até para conversar com os leitores. Essa faceta é recuperada agora, com uma crônica de setembro de 1968.

Em tempo: sempre que leio Mauro Mota sinto-me de novo atravessando a Rua Real da Torre, entre os casarões do século 19. Só agora percebo: fui um personagem de Mauro Mota, sem me dar conta.

SOBRE O AUTOR

Mauro Mota tem algumas das suas crônicas reunidas em *Lua branca e outras luas*, que a Cepe lança em novembro